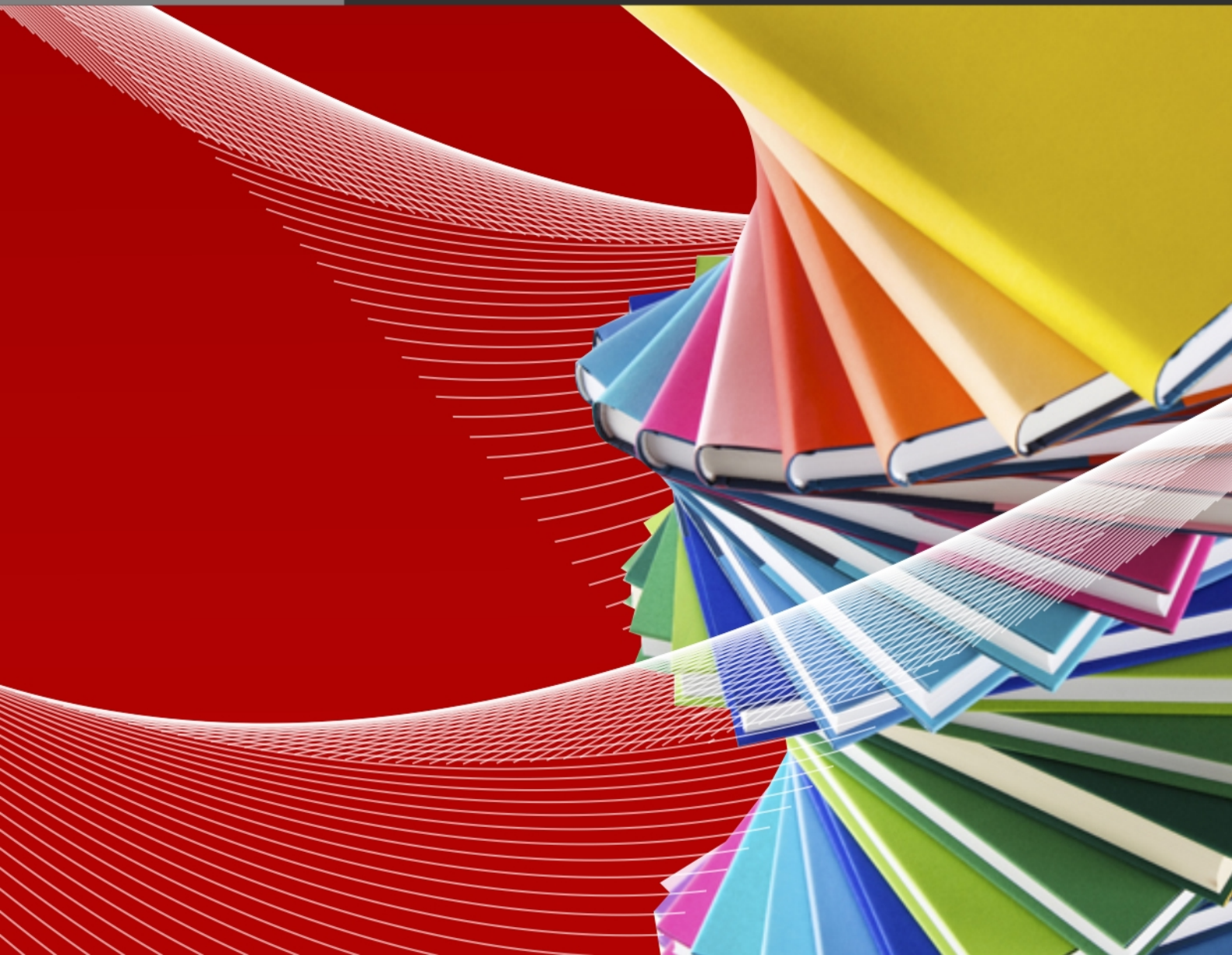




澳門大學
UNIVERSIDADE DE MACAU
UNIVERSITY OF MACAU

Outstanding Academic Papers by Students
學生優秀作品





**Português Europeu e Português de Angola:
Uma análise morfossintáctica contrastiva do clítico “lhe”
em "Kalú, as garinas e o esquema"
de Boaventura Cardoso**

by

FONG LAI I
(A-B2-1748-0)

Supervisor: Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo

A thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the Honours Programme in Honours College at the University of Macau

Expected Degree award date
June 2016



**Português Europeu e Português de Angola:
Uma análise morfossintáctica contrastiva do clítico “lhe”
em "Kalú, as garinas e o esquema"
de Boaventura Cardoso**

馮麗儀
(A-B2-1748-0)

指導教授 : Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo

此論文之提交是用以部分滿足澳門大學榮譽學院課程之要求

預計畢業日期
06 / 2016

SELF-DECLARATION

I declare that the thesis here submitted is original except for the source materials explicitly acknowledged and that this thesis, or parts of this thesis have not been previously submitted for the same course or for a different course.

I also acknowledge that I am aware of the Rules on Handling Student Academic Dishonesty and the Regulations of the Student Discipline of the University of Macau.

Signature

Date

FONG LAI I

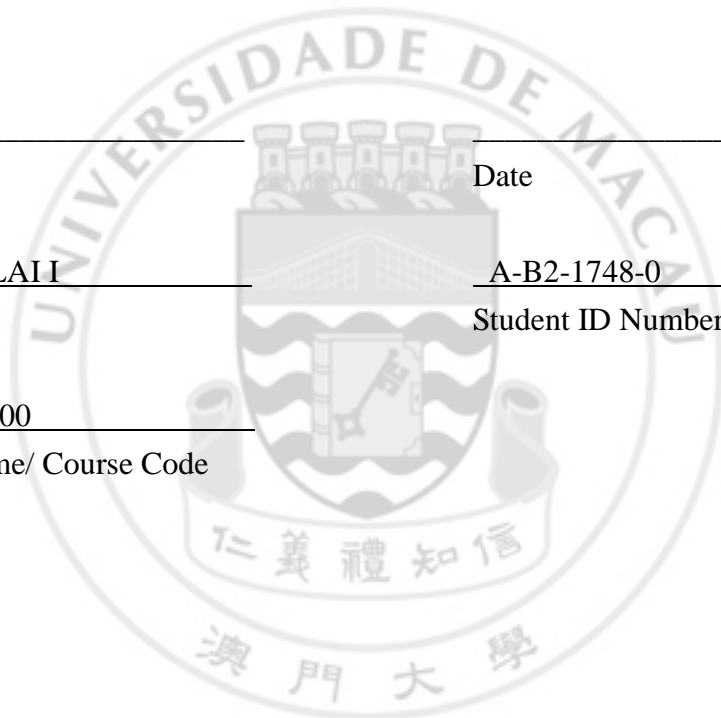
A-B2-1748-0

Name

Student ID Number

HONR400

Programme/ Course Code



自我聲明書

本人謹聲明：本人所提交的論文，除了經清楚列明來源出處的資料外，其他內容均為原創；本論文的全部或部分未曾在同一課程或其他課程中提交過。

本人聲明知悉《澳門大學學生學術誠信處理規條》及《澳門大學學生紀律規章》。

簽名

日期

馮麗儀
姓名

A-B2-1748-0
學生證號

HONR400
課程 / 科目代碼



Agradecimentos

Ao Professor Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo, o meu caro orientador desta tese que significa muito para mim, sendo não apenas o meu primeiro trabalho académico mas também um fruto do curso da Licenciatura em Estudos Portugueses. Deixo-lhe os meus sinceros agradecimentos, por ter trabalhado comigo desde a planificação do tema até ao ensaio da apresentação para o simpósio. Obrigada pelo seu apoio indispensável tanto na construção do conhecimento sobre trabalho académico quanto à possibilidade de explorar as riquezas linguísticas e culturais do continente africano, sobretudo, de Angola.



Resumo

O português detém estatuto de língua oficial da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Contudo, em qualquer sistema linguístico, por mais variedades linguísticas que nele coabitem, é determinada uma linguagem padrão, designada por norma padrão, e que ganha o estatuto da língua “correcta”. No caso de Angola, mesmo que o português seja a língua oficial e de escolaridade, o que predomina quotidianamente é o uso das línguas afro-nativas. Deste modo, é natural que o português sofra adaptações resultantes do seu contacto com as línguas nativas e que se reflectem nas suas particularidades lexicais, fonológicas e morfossintáticas. Portanto, questiona-se se a variante linguística de português falada em Angola (doravante, PANG) pode ser considerada “língua errada”, como alguns defendem. Uma das particularidades do PANG é visível no seu sistema de pronominalização, que evidencia características distintas das do Português Europeu (doravante, PE) e do Português do Brasil (doravante, PB). O trabalho de Figueiredo & Oliveira (2013), o primeiro a fazer o cotejo do sistema pronominal de uma variedade do PANG (o português do Município do Libolo, doravante PLB), com base em dados orais colectados no âmbito do *Projeto Libolo*, atesta um uso morfossintático do clítico “lhe(s)” distinto do PE e do PB. Os autores defendem que se está perante uma situação de mudança linguística e reclamam o estatuto de variedade para o PANG. Nesse sentido, procurámos verificar se os usos orais do clítico “lhe(s)” ocorrem também no âmbito literário. Para tanto, analisámos as suas funções morfossintáticas no conto “Kalú, as garinas e o esquema” da obra *O Fogo da Fala*, de Boaventura Cardoso. Os nossos resultados apontam para achados idênticos aos de Figueiredo & Oliveira (2013), não havendo distinções nos usos de “lhe(s)” nos contextos de fala e de escrita literária. Como tal é lícita a pretensão de se atribuir o estatuto de variedade ao PANG.

Palavras-chave: português de Angola; português europeu; sistema de pronominalização; pronome clítico “lhe(s)”; variedades de português.

Abstract

Portuguese is the official language of the CPLP (Community of Portuguese-Speaking Countries). However, as much as varieties coexist in all linguistic system, one of them is determined as the standard language, which is designated by standard norm and is granted the status of "correct" language. In the case of Angola, although Portuguese is the official and the instruction language at school, the African native languages are the prominent ones in people's daily life. In this way, it is natural that Portuguese has been undergoing adaptations as a result of its contact with the native languages, which is reflected in its lexical, phonological and morphosyntactic features. Thus, it is controversial, as some people claim, whether the variant of the Portuguese spoken in Angola (hereinafter, PANG) should be considered as a "wrong" language. One of the distinctions of PANG is observed in its pronominalization system, which shows some differences from the European Portuguese (hereinafter, PE) and from the Brazilian Portuguese (hereinafter, PB). The work of Figueiredo & Oliveira (2013), a pioneer analysis on the pronominal system of one of the varieties of PANG (the Portuguese spoken in the Municipality of Libolo), which was carried out on the oral data collected for the *Libolo Project*, testifies a morphosyntactic use of the clitic "lhe(s)" distinct from PE and from PB. The authors suggest that Portuguese faced a linguistic change in Angola and strive for the status of variety to PANG. Therefore, we seek to verify whether the oral use of the clitic "lhe(s)" would also be proved in the literary domain. For this purpose, we analyzed its morphosyntactic functions in "Kalú, as garinas e o esquema", one of the tales included in the book *O Fogo da Fala* by Boaventura Cardoso. Our results point out to the same findings as in Figueiredo & Oliveira (2013) studies, since there are no distinctions in the uses of the clitic "lhe(s)" in the oral and literary contexts. As a result, it is legitimate that we also follow the proposal of granting the status of variety to PANG.

Keywords: Angolan Portuguese; European Portuguese; pronominalization system; pronome clitic "lhe(s)"; varieties of Portuguese.

Índice

Lista de Mapas e Tabelas	2
Lista de Abreviaturas	2
1. Introdução	
1.1. A situação linguística em Angola	
1.1.1. As línguas nativas em Angola: o quimbundo.....	3
1.1.2. Estudos e projectos de pesquisa sobre o quimbundo.....	6
1.1.3. A língua portuguesa em Angola.....	7
1.1.4. Estudos e projectos de pesquisa sobre o português de Angola.....	14
2. O corpus e seu autor	
2.1. O autor: Boaventura da Silva Cardoso.....	18
2.2. A obra: <i>O Fogo da Fala – exercícios de estilo</i>	21
2.3. O conto: “Kalú, as garinas e o esquema”	25
3. Metodologia	35
4. Análise dos resultados	40
4.1. Pronome clítico “lhe(s)” objecto directo.....	42
4.2. Pronome clítico “lhe(s)” objecto indirecto.....	44
4.3. Pronome clítico “lhe(s)” pronome oblíquo tónico.....	49
4.4. Variação fonológica do clítico “lhe(s)” no português do Libolo e no português de Angola	50
4.5. Considerações sobre o nulo do clítico OD “o(s)/a(s)” no português do Libolo e no português de Angola	51
5. Considerações finais	55
Referências bibliográficas	60
Anexos	
Anexo 1: Dados colectados para constituição do <i>corpus</i>	65

Lista de Mapas

Mapa 1: Línguas de Angola..... 5

Lista de Tabelas

Tabela 1: Ocorrências dos pronomes clíticos “lhe(s)” e “o(s)/a(s)” em
“Kalú, as Garinas e o Esquema”, de Boaventura Cardoso.....41



Lista de Abreviaturas

L1	Língua primeira
L2	Língua segunda
OBL	Pronome oblíquo
OD	Pronome objecto directo
OInd	Pronome objecto indirecto
PANG	Português de Angola
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PLB	Português do Libolo

1. Introdução

1.1. A situação linguística em Angola

1.1.1. *As línguas nativas em Angola: o quimbundo*¹

África, para além do seu vasto território, é um continente onde coexistem diversas etnias e línguas. De acordo com o *Entnologue* (Lewis, Simons & Fennig, 2016), registram-se 2,139 línguas vivas no continente africano, acumulando quase um terço de todas as línguas faladas mundialmente. Nestas circunstâncias, Angola também se ajusta a um retrato de plurilinguismo, apresentando cerca de 40 línguas faladas por 14 milhões de pessoas no seu território.

Embora Angola detenha uma situação linguística bastante diversa, destacam-se algumas línguas predominantes neste âmbito plurilinguístico. Além da língua portuguesa, a única que detém estatuto de língua oficial do país, também se destacam os papéis especiais de outras línguas maioritárias, às quais foi atribuído o estatuto de línguas nacionais, um conceito que se relaciona com muita frequência às línguas afro-nativas.

Das várias línguas nativas angolanas, interessa-nos especialmente o quimbundo, língua que o autor do conto também fala e que aqui se analisa. Considerada como a

¹ Para designação dos grupos linguísticos, famílias e línguas africanas indicados neste trabalho seguiu-se a proposta ortográfica de Fiorin & Petter (2008: 13).

língua nativa mais importante do país², é também aquela que mais transferências regista no PANG, o tema fundamental do nosso trabalho, seja nos seus aspectos fonológicos, morfossintáticos (de especial interesse para as nossas observações), semânticos e lexicais.

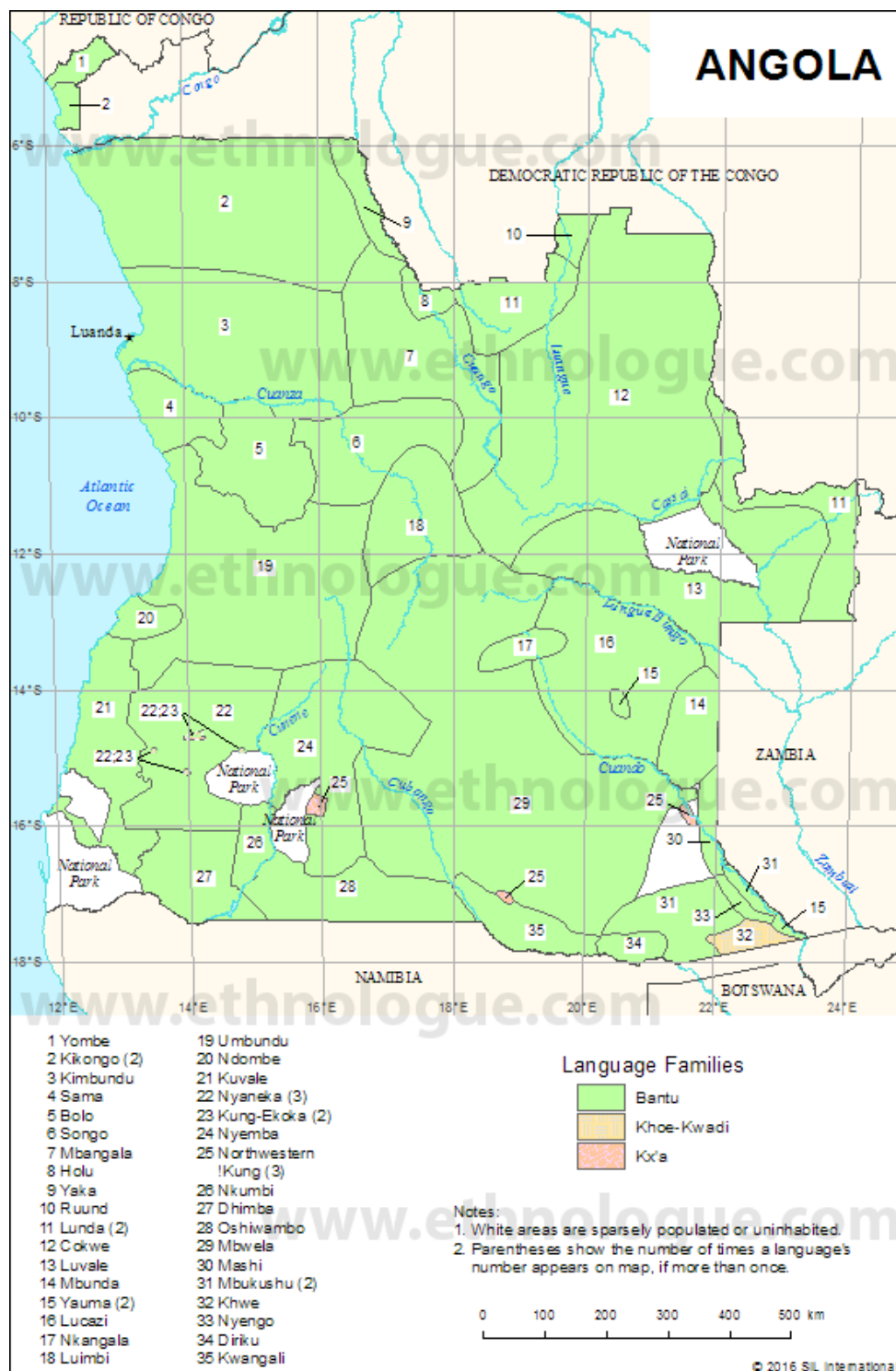
O quimbundo é um dos ramos da língua banto, pertencendo ao grupo bantóide do sul (o subgrupo principal do bantóide), da família benuê-congolesa, cujo tronco é o nígero-congolês. Falado por cerca de 3 milhões de pessoas em Angola como língua materna ou segunda língua, é a segunda língua nativa com mais falantes neste país. Em Redinha (2009: 33-34 *apud* Figueiredo, 2016: 157), encontra-se uma descrição refinada sobre a extensão geográfica do quimbundo:

Os kimbundu ou mbundu, falantes da língua "kimbundi" (Quimbundo), encontram-se sobretudo na área de Luanda, mas dominam uma extensão que vai do mar até ao Rio Cuango³, ultrapassando o curso deste para o leste, e transpondo-o, para o sul, até ao baixo e ao médio Kwanza. Como tal, para além da região da capital, estão espalhados pelas províncias de Malanje, Kwanza-Norte e determinados sectores do Kwanza-Sul e do Mbengu.

² Nota nossa: O quimbundo, designado língua nacional, é a língua nativa mais importante do país, não pelo seu número de falantes, mas em virtude da sua extensão em termos geográficos e do seu estatuto social. Tendo o chinês e o inglês como exemplo, mesmo que o chinês possua um número de falantes cerca de quatro vezes maior do que o inglês (Lewis, Simons & Fennig, 2016), o inglês é considerado mais importante porque é uma língua mais privilegiada no palco internacional. De igual modo, embora o quimbundo seja apenas a segunda língua nacional mais falada em Angola (a primeira é o umbundo), os falantes do quimbundo espalham-se por uma extensão do país que abrange, sobretudo, a área da cidade mais importante do país, a capital Luanda. Portanto, o quimbundo assume o papel de língua socialmente mais importante de Angola.

³ Conforme Figueiredo (2016: 157), “o rio Cuango nasce no Alto Chicapa, Província da Lunda Sul, e segue na direcção Sul-Norte-Noroeste, estabelecendo fronteira com a República Democrática do Congo, onde entra para ir desaguar no rio Congo”.

Para um melhor entendimento da distribuição dos falantes do quimbundo, convém referir-mo-nos ao mapa em que se classificam as línguas de Angola (Lewis, Simons & Fennig, 2016):



Mapa 1 – Línguas de Angola (Lewis, Simons & Fennig, 2016: s.n.)

1.1.2. *Estudos e projectos de pesquisa sobre o quimbundo*

Embora se desloque do foco essencial das nossas análises, consideramos, ainda assim, ser relevante listar alguns trabalhos de fundo sobre o quimbundo, já que são poucos os estudos de fundo que nos põem em contacto com as características desta importante língua nativa angolana. A lista é apresentada por ordem cronológica:

1. Canecattim, Fr. Bernardo Maria de. 1859. *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense e dictionario abreviado da lingua congueza*, 2^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional.
2. Maia, Padre António da Silva (Missionário Secular da Arquidiocese de Luanda – Angola). 1957. *Lições de gramática de quimbundo - Português e banto: dialeto omumbuin*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões - Edição e propriedade do autor.
3. Maia, Padre António da Silva (Missionário Secular da Arquidiocese de Luanda – Angola). 1964a. *Dicionário complementar português-kimbundu-kikongo (Línguas nativas do centro e norte de Angola)*, 1^a ed. Cucujães: Tipografia das Missões – Edição e propriedade do autor.
4. Maia, Padre António da Silva (Missionário Secular da Arquidiocese de Luanda – Angola). 1964b. *Lições de gramática de quimbundo*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões.
5. Xavier, Francisco da Silva. 2012. *Segmental and suprasegmental phonology of Kimbundu: Regiolects of Luanda, Bengo, Cuanza Norte and Malanje*. Lambert Academic Publishing.

Recentemente, os pesquisadores do *Projeto Libolo*, sobre o qual falaremos mais em pormenor no ponto seguinte deste trabalho, procederam também ao achado de um

valioso manuscrito datado de inícios do século XX, contendo uma gramática detalhada do quimbundo do Libolo⁴ (também designado *libolo* ou *bolo*) e uma lista de vocabulário anotado quimbundo do Libolo/português. O manuscrito encontra-se em fase de edição semidiplomática pela equipa de filologia do referido projecto:

6. Robert, *Padre René* (a.k.a. Renato). 1923. *Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos missionarios da Missão Católica de Calulo*. Lisboa: Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação Espírito Santo. Manuscrito.

1.1.3. A língua portuguesa em Angola

Visando uma unidade de uso das línguas em determinados domínios dentro do seu âmbito plurilinguístico, Angola atribui estatutos e funções diferentes às línguas faladas no seu território, classificando-as como línguas oficiais, línguas nacionais e línguas veiculares. Neste país, a língua portuguesa é a única adoptada como língua oficial, sendo também a língua de escolaridade. Segundo Santos (2015: 40), o estatuto de língua oficial para as línguas locais leva em conta particularidades como a extensão geográfica onde são faladas, o seu número de falantes e o facto de serem ou não descritas, ou seja, de possuírem norma ou não. Por outro lado, terão também de ser

⁴ O quimbundo do Libolo, a que alguns falantes desta variedade se referem como *ngoya*, é uma variedade de quimbundo ainda por estudar, falado nas zonas raianas do Município do Libolo, Província do Kwanza-Sul, ou seja, nas áreas que em que se faz a transição dos povos ambundo, falantes do quimbundo, para o território dos povos ovimbundo, falantes do umbundo.

ensinadas nas escolas. Deste modo, é natural que o conceito de “línguas nacionais” seja associado às línguas nativas em África (Miguel, 2008: 38). A partir dessas descrições, e também da complexa situação linguística de Angola, apontam-se algumas incoerências na relação entre o português e as línguas nativas.

De acordo com a análise da LUSA (2016)⁵, Angola tem mais de 25,7 milhões de habitantes e cada angolano fala pelo menos uma língua nacional em casa. O português é falado por cerca de 71,15% de angolanos, o equivalente a mais ou menos 18 milhões de pessoas. Não obstante, mais de 7 milhões de angolanos falam mais de 10 línguas nacionais, entre as quais o quicongo e o quimbundo, correspondendo a respetivamente 8,24% e 7,82% da população.

Mesmo que as línguas nacionais apresentem uma predominância tanto em extensão geográfica como no aspecto sociocultural, não conseguem ocupar o papel de língua oficial, em virtude de não serem obrigatoriamente incluídas no currículo escolar. Devido à falta de uma padronização oficial, a multiplicidade dessas línguas afro-nativas não consegue ultrapassar a sua limitação regional, a qual aparece, então, como um grande obstáculo para a uniformização linguística do país.

Por outro lado, a língua portuguesa só se tornou a língua mais falada em Angola

⁵ Os dados da análise da LUSA – Agência de Notícias de Portugal, SA foram colectados através do censo da população angolana, que é realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Angola e que se publicou a 23 de Março de 2016.

no século XX, uma vez que, apenas em 1921 se publicou um decreto⁶ que obrigou as escolas missionárias a ensinarem unicamente a língua portuguesa e que, paralelamente, não permitia o ensino de línguas africanas, contribuindo, assim, para a distribuição territorial do idioma português no país. Esta língua, que se apresenta como a única capaz de abranger todo o país, permaneceu com o estatuto de língua oficial após a Independência do Estado Angolano, em 11 de novembro de 1975. No entanto, a língua portuguesa não detém o estatuto de língua nacional, ou seja, não é representativa da identidade da nação e população angolana, uma vez que, para os angolanos ela carrega o estigma de idioma imposto pelo colonizador, de língua estrangeira. Contudo, a língua portuguesa já se tornou na língua materna e na língua segunda para muitos angolanos. Nessa medida, ao reflectir-se sobre a situação linguística especial do português no território angolano, surgem cada vez mais vozes a favor de se reconhecer e atribuir também o estatuto de língua nacional à única língua oficial do país.

De todas as reflexões sobre a questão, sobressai uma recente afirmação do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, no seu discurso proferido no Terceiro Simpósio sobre Cultural Nacional, em 11 de Setembro de 2006:

Devemos ter a coragem de assumir que a Língua Portuguesa, adoptada desde a nossa Independência como língua oficial do país que já é hoje língua materna de mais de um terço dos cidadãos angolanos, se afirma

⁶ Decreto nº77 promulgado por Norton de Matos, o então Governador Provincial de Angola (Santos, 2015: 41).

tendencialmente como uma linha de dimensão nacional em Angola.

(Santos, 2006 *apud* Miguel, 2008: 40)

Miguel (2008: 40) opina também em favor de uma proposta que reconheça o estatuto de língua nacional para a língua portuguesa:

[...] Portanto, já é o tempo de a reconhecemos como língua nacional. [...] Já não se trata, por conseguinte, de uma língua estrangeira, pois, quando nos apropriamos dela, modificamo-la, adaptamo-la à nossa mundividência, submetemo-la às nossas necessidades comunicacionais, em consonância com a nossa idiossincrasia. Necessariamente, inevitavelmente, está a ficar impressa nela, a nossa angolidade. A Língua Portuguesa está a angolanizar-se como, também, já se abasileirou.

A partir da afirmação da autora, observamos outra questão inevitável em relação à situação da língua portuguesa em Angola: a de se reconhecer também o estatuto de variedade para o português falado em Angola (o PANG). Devido ao seu íntimo contacto com as línguas nativas, o português que se fala em Angola tem sido afectado pelos hábitos linguísticos dos falantes das línguas africanas deste país, sofrendo adaptações (a referida “angolidade”, no dizer de Miguel (2008: 40)) e, em consequência, apresenta variações linguísticas significativas quando comparado com o português de Portugal, com o português do Brasil ou com outras variedades de português faladas em África. O PANG, tal como o “seu irmão” que se “abasileirou”, está perante uma situação de mudança linguística para “se angolanizar”, mudança essa que alguns estudiosos já vêem como consumada (Figueiredo & Oliveira, 2013).

O PANG, enquanto variante linguística do português, apesar de se desviar da norma padrão e não seguir o modelo idealizado da língua portuguesa, não deve ser visto como idioma marginal ou até errado, mas sim como variedade que está a enriquecer a própria língua portuguesa. Miguel (2008: 41) resume os factores mais significativos que definem a evolução diacrónica do PANG em direcção a uma “angolanidade”:

- *convívio com numerosas línguas africanas angolanas;*
- *aquisição do português como língua segunda, em muitos casos, em situação informal, através da imersão no meio linguístico;*
- *deficiência na preparação dos professores que, na sua maioria, não detêm o domínio da norma padrão;*
- *escolaridade feita em língua portuguesa desde os primeiros anos, mesmo que os alunos não falassem essa língua ao ingressarem na escola.*

Além do mais, referenciamos os exemplos citados pela mesma autora para apresentar alguns traços mais peculiares sobre o PANG (Miguel, 2008: 41-43), a saber:

- Particularidades lexicais:

Há uma infinidade de vocábulos correntes em Angola que não constam no vocabulário do Português de outros territórios, como por exemplo, “matabicho”, “machimbombo”, “musseque”, etc.;

- Particularidades fonológicas:
 - A maioria dos angolanos não realiza a oposição vocálica no “a” artigo definido ou preposição simples e o “a” craseado (à); o mesmo acontece com os pares homógrafos;
 - As monotongações são evidentes, com tendência para o abrandamento da semivogal. A distinção entre a adversativa “mas” e o advérbio de intensidade “mais”, que se reflete mesmo na escrita, redonda numa grande hesitação e variação;
 - O ditongo nasal no plural “-ões” está, também a passar por um fenómeno de redução, tendendo para “-ons”;⁷
- Particularidades morfossintáticas:
 - O problema da pronominalização;⁸
 - Na forma de tratamento informal, recorrem os angolanos a duas formas “tu” e “você”. Estas duas modalidades são alvo de derivações, sobretudo na concordância com os correspondentes pronomes possessivos e formas

⁷ Figueiredo & Oliveira (2013) e Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016) discutem a questão das perdas, reduções, simplificações e omissões, discordando destas propostas. De facto, e segundo estes autores, não se trata de perdas, nem de reduções, nem de simplificações, nem de omissões de sistemas linguísticos, mas sim de não aquisição de formas morfológicas do PE, já que os falantes do PANG L2 seguem os padrões das suas línguas nativas, nas quais essas formas não existem. Deste modo, o que esses falantes fazem, é transferir estruturas das suas línguas nativas para o PANG L2, que depois é objecto de *transmissão linguística irregular* geracional, vindo a cristalizar-se no PANG L1 das gerações posteriores. Os estudos de Figueiredo & Oliveira (2013), feitos com base em recolhas de dados fala do PANG tratados com recurso a métodos da sociolinguística quantitativa, atestam muito claramente que, quando essas formas da norma europeia são realizadas, resultam de aquisição tardia via ensino.

⁸ Esta particularidade da pronominalização do PANG será discutida em detalhe no decorrer do nosso trabalho.

verbais. Há uma tendência de usar o pronome de tratamento “você” associado à forma verbal da segunda pessoa informal;⁹

- Alguns verbos reflexos estão a perder o pronome reflexo; outros, não reflexos, têm vindo a ganhar “reflexização”;¹⁰
- A regência nominal e verbal é outra área de frequentes derivas. Os casos mais comuns se referem- ao uso da preposição “em” com sentidos locativo e direcional;¹¹
- A conjugação verbal está a sofrer uma simplificação desconcertante. Os empregos do imperativo, sobretudo no comuníssimo “desculpa” usado mesmo num tratamento formal; o imperativo negativo no tratamento por “tu” está a resvalar para uma réplica do afirmativo; o conjuntivo apresenta fortes evidências de redução de uso; a distinção entre o pretérito e o presente de alguns verbos muito comuns é de domínio restrito (a neutralização da primeira pessoa do plural do pretérito para os dois tempos);¹²
- A marca redundante do plural nos nomes vem sendo omitida com

⁹ Esta questão é debatida em Figueiredo, Oliveira & Santos (2014a; 2014b; no prelo).

¹⁰ A propósito da questão relacionada com as perdas, veja nota de rodapé 7.

¹¹ Segundo Figueiredo & Oliveira (2013), está-se, mais uma vez, perante transferências semânticas ancoradas nas línguas africanas, cujo sistema proposicional é bastante mais reduzido do que o do português europeu. No caso do quimbundo, por exemplo, existem apenas três preposições, sendo a preposição “ku”, que significa precisamente “em”, a mais produtiva de todas.

¹² Para a questão da variação registada no uso verbal do PANG, tratada como simplificação por Jorge (2008), veja também nota de rodapé 7. De facto, o que se atesta é que os falantes seguem o padrão verbal das suas línguas nativas de Angola.

frequência;¹³

- O deíctico “aí” está a aparecer associado ao verbo “vir” numa expressão paradoxal;
- Alguns usos marginais pegam moda com uma facilidade estonteante.¹⁴

1.1.4. Estudos e projectos de pesquisa sobre o português de Angola

Na medida em que mais especialistas se empenham em observar a variação atestada no PANG, apontando mais especificidades dessa variante do português, é óbvio que terá que haver reflexões sobre uma padronização que afirma a variedade do PANG. Por fim, apresentamos, por ordem cronológica, um elenco de estudos disponibilizado por Santos (2015: 52-57) sobre alguns trabalhos e projectos de pesquisas que abordam também a questão linguística do PANG, a que acrescentamos mais alguns:

TRABALHOS:

1. Mingas, Amélia A. 2000. *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras.

¹³ Para a questão da “omissão” da marca de plural, veja de novo a nota de rodapé 7. Sugere-se ainda a leitura da tese de doutoramento de Figueiredo (2010b) sobre a variação na marcação plural no sintagma nominal das variedades de português faladas em África e também do português do Brasil.

¹⁴ Quanto a nós, estamos perante uma afirmação paradoxal por parte de quem reclama o estatuto de variedade para o PANG, tornando-se despropositado atribuir a definição “usos marginais” a evidentes fenómenos linguísticos resultantes da competição entre os sistemas de uso das línguas nativas L1 e da língua alvo (o português europeu) dos falantes que os produzem.

2. Miguel, Maria Helena. 2003. *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Editorial Nzila.
3. Chavagne, Jean-Pierre. 2005. “La langue portugaise d’Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais”. Dissertação de doutoramento. Université Lumière Lyon 2.
4. Lipski, John. 2008. “Angola e Brasil: vínculos linguísticos afro-lusitanos”. *Veredas*, nº9, 83-98.
5. Miguel, Maria Helena S. 2008. “A língua portuguesa em Angola: normativismo e glotopolítica.” *LUCERE* – Revista Académica da Universidade Católica de Angola, Centro de Estudos e Investigação Científica. Ano 4. Maio 2008. Nº5, 35-48.
6. Petter, Margarida Maria Taddoni. 2008. “Variedades linguísticas em contato – português angolano, português brasileiro e português moçambicano”. Tese de Livre-docência. Universidade de São Paulo.
7. Inverno, Liliana Cristina Coragem. 2011. “Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in exterior Angola: evidence from Dundo (Lunda Norte)”. Dissertação de doutoramento. Universidade de Coimbra.
8. Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2013. “Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização”. *PAPIA*, 23(2). 105-185.
9. Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães & Eduardo Ferreira dos Santos. 2014. “Construções [FOC + QUE] no português do Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola.” *Filologia e Linguística Portuguesa* – Revista USP, 16 (1). 209-231.
10. Santos, Eduardo Ferreira dos. 2015. “Sentenças marcadas para o foco no português do Libolo: uma proposta de análise derivacional”. Dissertação de doutoramento. Universidade de São Paulo, Brasil.
11. Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães, Lurdes Teresa Lopes Jorge & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2016. “Clítico argumental “lhe” no português do Libolo: estrutura formal e Caso (abstracto)”. In Carlos Filipe Guimarães Figueiredo & Márcia Santos Duarte de Oliveira (orgs.), “*Projeto Libolo*” – Município do

Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários, vol. 1. 253-264. Lisboa: Chiado Ed.

12. Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2016. “Linguística, história, antropologia e ensino no Kwanza-Sul, Angola”. In Carlos Filipe Guimarães Figueiredo & Márcia Santos Duarte de Oliveira (orgs), “*Projeto Libolo*” - *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários*, vol. 1. Lisboa: Chiado Ed.
13. Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2016. “Retratos do Libolo”. In Carlos Filipe Guimarães Figueiredo & Márcia Santos Duarte de Oliveira (orgs), “*Projeto Libolo*” - *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários*, vol. 2. Lisboa: Chiado Ed.

PROJECTOS DE PESQUISA

14. *Projecto de Pesquisa: Em busca das raízes do português brasileiro.*¹⁵
15. *Projecto de Pesquisa: Mudança de língua em Angola: transmissão, contato e mudança linguística.*¹⁶
16. *Projecto de Pesquisa: Português reestruturado por aquisição linguística numa situação de contacto: aquisição geracional, tipologia linguística e análise gramatical.*¹⁷
17. *Projecto de Pesquisa: Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários.*¹⁸

¹⁵ Projecto coordenado pela Professora Dra. Eliana Pitombo Teixeira, docente e pesquisadora da Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil.

¹⁶ Projecto coordenado pela Dra. Anna Jon-And, docente e pesquisadora da Universidade de Estocolmo, Suécia.

¹⁷ Projecto coordenado pelo Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo, docente e pesquisador da Universidade de Macau. Este projecto foi patrocinado pela Universidade de Macau, China (Projecto MYRG034-FSH11-MAE).

¹⁸ Projecto coordenado pelo Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo, docente e pesquisador da Universidade de Macau, e pela Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira, docente e pesquisadora da Universidade de São Paulo, Brasil. Este projecto é também conhecido como *Projeto Libolo* e foi parcialmente patrocinado pela Universidade de Macau, China (Projecto SRG011-FSH13-CGF).

18. *Projecto de Pesquisa: Aspectos linguísticos do Município do Kwanza-Sul, Angola.*¹⁹



¹⁹ Projecto coordenado pelo Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo, docente e pesquisador da Universidade de Macau. Este projecto é patrocinado pela Universidade de Macau, China (Projecto MYRG2016-00215-FAH).

2. O *corpus* e seu autor

2.1. O autor: Boaventura da Silva Cardoso

Sendo atualmente um dos escritores mais consagrados da literatura africana de língua portuguesa, Boaventura da Silva Cardoso nasceu a 26 de Julho de 1944, em Luanda. Viveu a maior parte da sua infância na região de Malanje²⁰, de onde regressou, em 1966, para a capital do país, Luanda. Aí concluiu os seus estudos primários e secundários e obteve o diploma em Ciências Sociais na Escola Superior do Partido.²¹ Também é licenciado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino “Angelicum” em Roma. Foi membro da Comissão de Redacção da revista *Angola*, órgão da Liga Nacional Africana, e coordenador da Biblioteca Popular Njinga Mbandi.

Deu início à sua actividade literária em 1967, durante o período colonial, publicando vários contos e poemas em conhecidos jornais e revistas luandenses, como *A província de Angola*. É autor dos seguintes livros: *Dizanga dia Muenhu* (contos, 1977), *O Fogo da Fala* (contos, 1980), *A Morte do Velho Kipacaça* (contos, 1987), *O Signo do Fogo* (romance, 1992), *Maio, Mês de Maria* (romance, 1997), *Mãe, Materno*

²⁰ Curiosamente, os povos da região do Libolo, falantes do quimbundo libolo e do PLB, que abordaremos em detalhe neste trabalho, são originários da região do antigo Reino da Matamba, Malanje, tendo encetado migrações em direcção ao sul de Angola no século XVI, e que levaram à ocupação da região do Libolo, depois de terem atravessado o rio Kwanza na zona de Pungo Andongo (Figueiredo & Oliveira, 2013; Figueiredo, 2016).

²¹ Trata-se da Escola Superior do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, que se transformou em partido após a independência de Angola e conquistou o poder do país em 1974/1975.

Mar (romance, 2001) e *Noites de Vigília* (romance, 2012). Entre eles destaca-se o romance *Mãe, Materno Mar*, com o qual o escritor ganhou o Prémio Nacional de Cultura e Artes, na Disciplina Literária. É um dos autores mais representativos da geração de 70 da literatura angolana. As suas obras, publicadas e referenciadas em antologias, têm sido traduzidas em várias línguas e muito estudadas por estudiosos e pesquisadores.

Boaventura Cardoso, conhecido por ser falante fluente do quimbundo, é um ficcionista que explora temas referentes à região desta língua autóctone e que propõe também críticas à realidade sócio-política de Angola, envolvendo, nas suas obras, valores revolucionários, tais como a independência e a liberdade, tanto em sentido social como literário. É membro fundador da União dos Escritores Angolanos e, através da sua escrita de estilo bastante pessoal, tem-se dedicado ainda a reflexões linguísticas sobre o uso da língua portuguesa e do quimbundo no país. Segundo Silva (2008: 13), esta escrita é marcada por registos de discurso oral e pela forma de reinventar palavras e tradições, que trazem aos leitores diferentes aspectos da cultura e literatura angolanas, sobretudo, de origem quimbunda:

*Boaventura Cardoso é um autor, cuja escrita se caracteriza não só pelo ritmo marcante da oralidade recriada, mas também pela poeticidade, pelo uso de símbolos da tradição e pela consciente e voluntária infração a regras morfológicas e sintáticas.*²²

²² Nota nossa: tendo em conta os pressupostos defendidos por Figueiredo & Oliveira (2013 – veja notas

Ainda de acordo com outros autores, não menos importante é o facto de o estilo

“boaventura-cardosiano”, se assim se pode dizer, reflectir também um:

[...] constante dialogismo entre História e tradições, por um olhar sempre crítico em relação ao contexto sociocultural angolano anterior e posterior à Independência, pela recuperação de valores africanos ancestrais, pela recriação linguística de uma “fala angolanamente falada”, a qual, muitas vezes, ganha dimensão poética pela apurada elaboração estilística caracterizadora do discurso literário do escritor.

(Secco, 2001: 12 *apud* Fontes, 2009: 50)

Quanto à carreira política de Boaventura Cardoso, teve início no período colonial, já que este autor foi funcionário dos Serviços de Fazenda e Contabilidade (1967 a 1974). Após a independência exerceu ainda outros cargos, nomeadamente: Director do Serviço de Informação Pública do Ministério da Informação (1975 a 1976), Director do Instituto Nacional do Livro e do Disco (1977 a 1981), Secretário de Estado da Cultura (1981 a 1990), Ministro da Informação (1990 a 1991), Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário de Angola em França (1992 a 1999) e, em simultâneo, na Itália e na República de Malta (2000 a 2002). Boaventura Cardoso foi ainda Ministro da Cultura de Angola de 2002 a 2010 e, actualmente, é o Governador da Província de Malanje.

Com a abundante experiência adquirida na sua vida política, Boaventura Cardoso

de rodapé 7, 10, 12 e 13), a maioria das estruturas morfossintáticas que Silva (2008: 13) define como “*infração a regras morfológicas e sintáticas*” só poderão ser entendidas como tal à luz do PE, não fazendo sentido esta afirmação se for observada à luz do PANG, já que são estas estruturas que, de facto, marcam a angolanidade da “variedade” de português falada em Angola.

alia as suas características de activista político às de “activista da língua”, desenvolvendo o seu olhar crítico em relação à necessidade de uma “independência” para o PANG, tal como sucedeu politicamente com o país. Desta maneira, tira partido da sua influência no universo literário para divulgar que o contexto sócio-cultural e linguístico angolano reúne condições para uma afirmação da “*fala angolaneamente falada*”, isto é, o autor tem-se esforçado por chamar a atenção para a necessidade de o PANG, a exemplo do que sucede com o PB, ganhar também o estatuto de variedade, conforme proposto ainda por Miguel (2008: 47) e Figueiredo & Oliveira (2013: 173).

2.2. A obra: *O Fogo da fala – exercícios de estilo*

O Fogo da Fala, segundo livro de Boaventura Cardoso, é composto por sete contos, a saber: “O Canto da Fome”, “Joãozinho Menino”, “Gavião Veio do Sul e Pum!”, “Kalú, as Garinas e o Esquema”, “Mona Kasule É Ngamba”, “Pai Zé Canoa Miúdo no Mar”, e “Ferroada na Bota do Pico”. Através destes contos, o autor tem como objectivo essencial fazer uma crítica à crueldade do regime opressivo do colonialismo, por um lado, e denunciar também as consequências nefastas geradas pela Guerra Pós-colonial²³ para a sociedade angolana, por outro lado.

²³ Logo após a independência de Angola, adveio a Guerra Pós-colonial que durou quase três décadas (1975-2002).

Assim sendo, com a escrita desta obra, de 1980, o leitor sente estar perante um trabalho de reinvenção de mitos e tradições do país, para além de se ver envolvido com a história do período pós-colonial. Apesar de “colocar o dedo na ferida” dos problemas sociais do período pós-colonial angolano, o autor, através de uma escrita personalizada com recurso à linguagem da oralidade, permite ainda aos leitores que criem intimidade com o que se passa nas narrativas, sentindo-se, eles mesmos, personagens dos eventos que experienciam, de modo intenso, a riqueza cultural da sociedade angolana.

Em vez de nomear a colectânea com recurso ao título de um dos contos, o autor opta por lhe conceder um título “independente”: *O Fogo da Fala*. O fogo, um elemento muito importante na cultura africana, é fundador da linguagem e das suas culturas. Nas tradições africanas, os saberes ancestrais e as histórias são transmitidos e aprendidos geracionalmente por via oral, sobretudo nos serões em torno das fogueiras. Esta tradição é ainda largamente traçada por outros autores, tal como acontece, por exemplo, no poema “Os Meninos do Huambo”²⁴, de Manuel Rui, e do qual aqui se transcreve uma quadra:

*Os meninos à volta da fogueira
Vão aprender coisas de sonho e de verdade
Vão aprender como se ganha uma bandeira
Vão saber o que custou a liberdade.*

²⁴ O poema “Os Meninos do Huambo” tornar-se-ia bastante conhecido após ser musicado pelo cantor angolano Ruy Mingas. O cantor desenvolveu ainda a actividade profissional de Ministro do Desporto e Embaixador de Angola em Portugal e é o compositor de “Angola Avante!”, o Hino da República Popular de Angola.

Aliás, o fogo possui diversas significações para os povos de África: no caso dos Bambara²⁵, a fala está ligada aos quatro elementos, ou seja, a água, a terra, o fogo e o ar; para os Dogons²⁶, o fogo é um dos “*componentes da linguagem e determina condições psicológicas do sujeito falante*” (Kristeva, 1974: 90-91 *apud* Martinho, 1980: 12); para os povos do Libolo, de particular interesse para o nosso estudo, no caso de falecimento de um indivíduo da alta linhagem de uma aldeia, esta é abandonada por superstição e os seus habitantes instalam-se num local considerado mais auspicioso e levam a cabo a ressurreição da tribo acendendo um fogo novo (Figueiredo, 2016: 176). Assim, não surpreende que para o povo angolano em geral, apesar de o fogo metaforizar a guerra que agitou o seu país durante décadas, é também visto como detentor de um poder modelador e purificador para a reconstrução da pátria. Esta é, aliás, a envolvente cultural presente em mais uma obra de Boaventura Cardoso, *O Signo do Fogo*.

Consequentemente, mais do que mero título da obra, o *fogo da fala*, de acordo com Silva (2008: 14), é também, primeiramente, sistema de comunicação marcado pelo aprofundamento de apropriações do sistema léxico-sintático do quimbundo e de termos oriundos da língua oral, mesclados, criativamente, ao sistema linguístico do

²⁵ Povo que vive na parte oeste de África, principalmente no Mali mas também na Guiné Bissau, Burkina Faso e Senegal.

²⁶ Povo que habita no Mali e no Burkina Faso. Os Dogons do Mali vivem numa remota região no interior da África Ocidental.

português (as transferências apontadas por Figueiredo & Oliveira (2013)). Portanto, é evidente que o autor pretende criar uma relação entre o fogo e a fala, importando-lhe que a fala se torne mais do que uma simples utilização da língua, mas também um veículo extremamente fundamental para a transmissão das culturas e tradições da sua pátria. Por outras palavras: estamos face a um sistema linguístico que pode consagrar uma força tão “brilhante” como o fogo.

Através da sua escrita estilizada por registos de discurso oral, Boaventura Cardoso busca recuperar verdadeiramente os modos de ser angolanos não colonizados por Portugal, e, desta forma, reclamar a necessidade da sustentação do PANG como variedade para se falar e se escrever “angolanamente”, e não como idioma imposto pelo colonizador lusitano. Daí, desponta um fruto do próprio autor: uma “escrita da angolanidade”, isto é, a “falaescrita” angolana (Silva, 2008: 34, 90). Assim sendo, Secco (2005: 107 *apud* Silva, 2008: 68) considera Boaventura Cardoso um “*ferreiro das palavras*”, enquanto bem Martinho (1980: 12) traça sobre ele as seguintes considerações:

O autor trabalha a linguagem como o homem que, com o fogo, trabalha o vidro ou o ferro. O fogo é a força modeladora, transformadora. A fala torna dúctil a língua, afeiçoa-a. Experimenta-a, violenta-a onde a norma poderia constituir um factor de estagnação ou bloqueamento. E procura, sem a destruir, abrir a língua a novos horizontes expressivos.

Por último, mas não menos importante é o subtítulo da obra “exercícios de estilo”, indicando que o estilo da linguagem “falaescrita” do autor ainda não está no estatuto perfeito e moldado, mas tem sido ensaiado como “exercícios”, sempre em avanço e sem fim. Boaventura Cardoso, com as suas ficções, procura especificar os traços particulares do português que o povo angolano fala, interessando-lhe o processo experimental de registá-los nos contos e distingui-los quer do PE quer do PB. Em nossa opinião, o autor “brinca” de tal forma com as normas da língua portuguesa do colonizador que acaba por afirmar, de forma exemplar, um estatuto de autonomia para a literatura e a linguagem angolanas. Por outras palavras: Boaventura Cardoso marca exemplarmente a necessidade e importância de se reconhecer o estatuto de variedade para o PANG.

2.3. O conto: “Kalú, as garinas e o esquema”

Para a constituição do nosso *corpus*, elegemos o conto “Kalú, as Garinas e o Esquema”. Seguindo o caminho de outros trabalhos seus, Boaventura Cardoso ensaia também, neste conto, a fusão entre o histórico e o literário (Oliveira, 2011: 67). O conto, que serve para retratar os esquemas de sobrevivência na capital, Luanda, durante o período da Guerra Pós-colonial, busca partilhar diversos aspectos da sociedade angolana, registando não só a sua tradição e memória mas também a terrível

experiência da fracturação causada pelo colonialismo português e pela guerra que ocorreu após a independência do país.

De acordo com Martinho (1980: 20), “Kalú, as Garinas e o Esquema” é uma história que nos leva ao mundo marginal do “beco”. O protagonista, Kalú, um retrato de farrista e *swinguista* desenrascado, não deixa de manipular o “esquema”, ou seja, recorrer a truques com os quais ainda acredita que pode sobreviver num país recém-nascido, não entendendo bem o significado expressivo do advento do fim do colonialismo. A sua sina, conforme predita no início da história, configura uma vida marcada por contornos e desvios, um caminho serpenteado, cujo destino final é apenas um: o beco sem saída.

“Esquemas” ultrapassados numa sociedade em constante busca de novas formas de sobrevivência, como o utilizado para tentar entrar num baile (a farra) sem pagar, já não funcionam mais e fazem Kalú tornar-se vítima de agressões, cacetadas:

Kalú não desarmou: armou barraca. Os cães deram avanço. Gente se movimentando. Chui sacou revólver, Kalú se lançou contra chui, pistola caiu, Kalú queria panhar pistola, mas cão polícia apareceu, multidão ficando meia dúzia, pontapés no mamífero enfurecido e depois Kalú: vitimado nas cacetadas. (Cardoso, 1980: 54-55)

Da mesma forma, não consegue realizar o “esquema” no final da história. O caminho que tem seguido é uma corrida sem saída porque o próprio Kalú nunca sonhou com um rumo a seguir. Portanto, por muito que corra, nunca conseguirá alcançar a

“meta”. Finalmente, acaba por falhar, ficando sozinho, na prisão, sobrevivendo com a “comida” que as “garinas” (raparigas, namoradas) lhe “vêm trazer”:

Do outro lado ninguém responde. Coração de Kalú é kizomba. Até suor, nesta noite cacimbante. No buraco da fechadura Kalú certifica: o meu que lhe comprou as pedrinhas acompanhado de duas pessoas! Se atrapalha. Não sabe onde vai se esconder. Salta janela, cai, bate corrida mas não chega na meta. Kalú, as garinas vêm lhe trazer comida.

(Cardoso, 1980: 64)

A selecção desta narrativa como *corpus* do nosso trabalho deve-se ao facto de não só mostrar o seu valor de referência com uma retratação abundante da cultura de Angola mas também por ser marcada por uma linguagem bastante dramática e identificativa, que constrói, com recurso à “falaescrita” angolana, uma e outras cenas concretas e vivenciadas. Assim, e tal como referido por Padilha (2002: 23 *apud* Oliveira, 2011: 69), “a leitura revela ao leitor não-angolano a significação africana da palavra”, ou seja, a busca de uma autonomia para o PANG enquanto sistema linguístico característico do povo angolano.

Aspectos identificativos da cultura angolana são marcados com elementos que catapultam enredos impressionantes, como acontece com a “farra” ou a “cerveja”, que traçam situações de confusão fragmentada. Deste modo, ao mesmo tempo que apresenta a vida social do povo, o autor não se esquece de a entrelaçar com alguns elementos históricos relatados numa linguagem que reflecte o ritmos e as

características da oralidade angolana:

Cá fora gente conseguiu se aproximar quase da entrada. Porteiro aflito tinha de pôr pés e mãos tudo a trabalhar, até cabeçadas, queria ficar Maria da Fonte, estátua na porta.²⁷ Miúdos sempre mais espertos conseguiam furar entre as pernas do porteiro na portaria. [...] enquanto isso abria pernas lentamente, lentamente, e sobrinho a sinfiar a sinfiar e fien! entrou. Trapalhação aumentou quando todos queriam entrar já na brecha. Porteiro conseguiu: porta fechada. Multidão apertava, quase rebentava pontapés na portaria, mãos gesticulando, intimidades na tentação, baronas aflitas. E porta se fechou outravez na histeria da multidão ferosa fora do Maxinde.

(Cardoso, 1980: 53)

O cunho literário pessoal do autor, a escrita “boaventura-cardosiana”, é também caracterizado por particularidades estilísticas simultaneamente “marginais” e estimuladoras do prazer da leitura, como o recurso a onomatopeias e expressões populares da língua autóctone do autor ou o uso aparentemente inapropriado de interrogações e “violações” das regras ortográficas do português, tudo a imprimir um ritmo às palavras escritas que se aproxima do das realizações orais, constantemente marcadas por contracções, amálgamas ou crases:

*Quente, borbulhante o ritmo da música: **kirimá! ayayá!** Duya solava nosso solo. (Cardoso, 1980: 54)*

***Toyota ué! Toyota! Toyota ué! Toyota – quentíssima: cada sembada! Baronas então, ih! só dessas.** (Cardoso, 1980: 54)*

²⁷ Nota nossa: Maria da Fonte foi a líder de um grupo de sete mulheres minhotas que comandaram um conjunto de revoltas contra o governo presidido por António Bernardo da Costa Cabral na Revolução do Minho, em 1846. No período colonial, as autoridades ergueram uma estátua em memória da heroína portuguesa num dos largos mais movimentados do centro de Luanda, que passou a ser conhecido como o largo da Maria da Fonte.

– *Quem chegou primeiro sueu. Bicha, **queres-me passar na frente né?! Pus pedra de madrugada. Toma!** – o gesto. (Cardoso, 1980: 55)*

*enquanto isso abria pernas lentamente, lentamente, e sobrinho a **sinfiar**.*
(Cardoso, 1980: 53)

*Com pequena discussão bicha fica **outravez** desorganizada: perdeu lugar quem que foi no mar. Cotoveladas na recuperação de cada lugar. Batota na confusão dá para passar na frente. (Cardoso, 1980: 56)*

Quanto à “falaescrita” angolana, enquanto elemento para o qual o autor reclama o estatuto de variedade, é representada, por exemplo, pelo uso de constantes empréstimos lexicais do quimbundo transpostos para o PANG ou em estruturas gramaticais que se demarcam claramente do PE:

*Bicha é desalinho. Gente do fundo está vir na frente espreitar. Mulher grávida lhe pisam, **mona** do colo lhe arrancam dos braços, a carteira? Fio do pescoço nada, sapato nada, velha Maria não se aguenta, criança procura mãe dela, gente a vir mais, grades estão roubar, mulher grávida parece vai chorar néné, mãe olha mona no colo dela e procura mona, **cavelho** está cegueta, confusão é buéréré, gente a vir. Mulher grávida parindo, velha Maria se dispidindo, criança reaparecendo, mães que trocaram filhos de chucha se rindo, cavelho cegueta buscando lunetas, sapato nada, fio do pescoço nada, e **kumbú**? (Cardoso, 1980: 57-58)*

Na reprodução literária do conto são ainda marcantes outros traços distintivos do léxico do PANG relativamente ao PE, mas que não têm relação com empréstimos da língua quimbunda, antes configuram inovações dos próprios falantes do PANG:

garina (PE: rapariga); *bué* (PE: muito); *dar chau* (PE: ir-se embora); *o meu* (PE: o indivíduo); *cara podre* (PE: zangado); *não bumba* (PE: não trabalha);etc.

Seguidamente, listam-se ainda outros fenómenos da “falaescrita” angolana do conto, alguns dos quais já apontados por Figueiredo (2003), e que reflectem usos e estruturas distintas das do PE. Algumas destas realizações configuram mudanças decorrentes de variação²⁸, sobretudo morfossintática, ocorrida no momento da aquisição do português L2 por parte de falantes nativos do quimbundo, assente nas tentativas de descoberta de regras do português (leia-se PE), inicialmente confrontadas com as do quimbundo L1 (cf. Sprouse, 2006). Os usos e estruturas em questão, como acontece por exemplo com o sistema de pronominalização, acabam por se tornar sistemáticos por *transmissão linguística irregular* geracional do português L2 como português L1 e por se cristalizar como marcas específicas daquele que podemos considerar, de forma genérica, como sendo o PANG (Figueiredo & Oliveira, 2013: 150):

- (i) O uso excessivo dos dois pontos, em aparente transgressão das regras ortográficas do português (Figueiredo, 2003: 126). Nestas situações, o verbo que une o sujeito ao nome predicativo do sujeito é substituído pelos dois pontos (em alguns casos, o sujeito é separado da locução, sendo colocado após os dois

²⁸ A *mudança linguística* é um processo de modificação e transformação que todas as línguas - e unidades linguísticas de cada um dos seus níveis, em particular, atravessam na sua evolução histórica. Desta forma, a *mudança linguística* diferencia-se da *variação linguística* em virtude de a primeira acontecer em diacronia - é objecto de estudo da linguística histórica -, enquanto a segunda é sincrónica - é objecto de análise da sociolinguística (Figueiredo, 2010b).

pontos), já que, em quimbundo, o verbo “ser” não é usado como verbo simples, mas apenas como verbo auxiliar (Maia, 1964: 65).²⁹

Caminho serpenteado: o beco. (Cardoso, 1980: 51)

E pronto: o cerco. O estrondo: vozes. Mundo todo: ameaças.
(Cardoso, 1980: 57)

Apareceram derepente: os cães! (Cardoso, 1980: 54)

- (ii) Emprego frequente de “só” e de “embora” como marcadores enfáticos com a função deíctica de mostrar, originando estruturas que podem revelar-se agramaticais no PE (Figueiredo, 2003: 122):

Sô João faz favor me deixa só entrar! [...] Ti João porquê só me xingá assim [...] (Cardoso, 1980: 53)

*Garina está **embora** calada, está falar nada, está fingir não é nada.*
(Cardoso, 1980: 60)

- (iii) Ausência da preposição “a” na construção da perífrase verbal “estar a + infinitivo” (Figueiredo, 2003: 119):

*Bicha não está **diminuir**, está **crescer**.* (Cardoso, 1980: 60)

É importante realçar aqui que o sistema preposicional do quimbundo é bastante mais reduzido do que o do português, possuindo apenas três preposições: uma com

²⁹ A frase portuguesa “Ele é um homem”, por exemplo, terá a seguinte tradução para o quimbundo: “Muene uo mundata” (Maia, 1964: 55).

sentido direcional (“ku”) e duas com sentido locativo (“bu” e “mu”). O uso das preposições no quimbundo é também bastante distinto daquele que caracteriza o português (veja exemplo [1] deste trabalho), a ponto de não contemplar uso preposicional que estabeleça ligação entre verbo auxiliar e verbo principal, ao contrário do que sucede em determinadas realizações do português.³⁰

(iv) A partilha de nuances semânticas dos verbos “ter” e “haver” (registos idênticos aos do PB), o mesmo sucedendo com os pronomes indefinidos “cada” e “todo”:

*Se **tem** confusão não **tem** cerveja!* (Cardoso, 1980: 58)

*De **cada** lado surgem disciplinadores.* (Cardoso, 1980: 58)

No caso concreto da não existência de verbos distintivos para posse e existência no PANG, Figueiredo (no prelo: secção 3.2.4, nota de rodapé 46), chama a atenção para o facto de os dois conceitos serem fornecidos por um único verbo no quimbundo, ou seja, o verbo “-kala” (“estar”). Deste modo, o conceito semântico é depreendido a partir do contexto de uso.

(v) A omissão de artigos definidos:

Ø Porteiro aflito tinha de pôr Ø pés e Ø mãos tudo a trabalhar, [...]

(Cardoso, 1980: 53)

³⁰ A este propósito, veja-se a seguinte construção com o verbo auxiliar “estar” no quimbundo: “*Eie uakâla kuposa*”, literalmente “*Eu estar falar*” no português (Maia, 1964: 51).

Neste aspecto, é também importante apontar que o quimbundo não possui sistema de artigos, sendo a marcação de género e de número inserida unicamente no nome, com recurso a afixos pré-nominais de categoria semântica (Figueiredo, 2010b: 40):

[1] QUIMBUNDO:³¹

- a. **diala** [di~ala] **dia** [di~a] **mundele** [mu~nde]le]
AFXSG+homem AFXSG+PREP (de) AFXSG+branco
“homem de branco”
(o homem branco)
- b. **mala** [ma~ala > mala] **ma** [ma~a > ma] **mindele** [mi~nde]le]
AFXPL+homem AFXPL+PREP (de) AFXPL+branco
“homens de branco”
(os homens brancos)

(vi) Figueiredo (2003: 120-121) e Figueiredo & Oliveira (2013: 108) apontam o uso sistemático dos pronomes pessoais em posição proclítica no PANG, uma particularidade que, segundo os autores, configura uma situação de mudança consumada resultante de transferência estrutural que ancora no sistema de colocação pronominal do quimbundo.³²

³¹ Figueiredo (2010b: 73); dado renumerado.

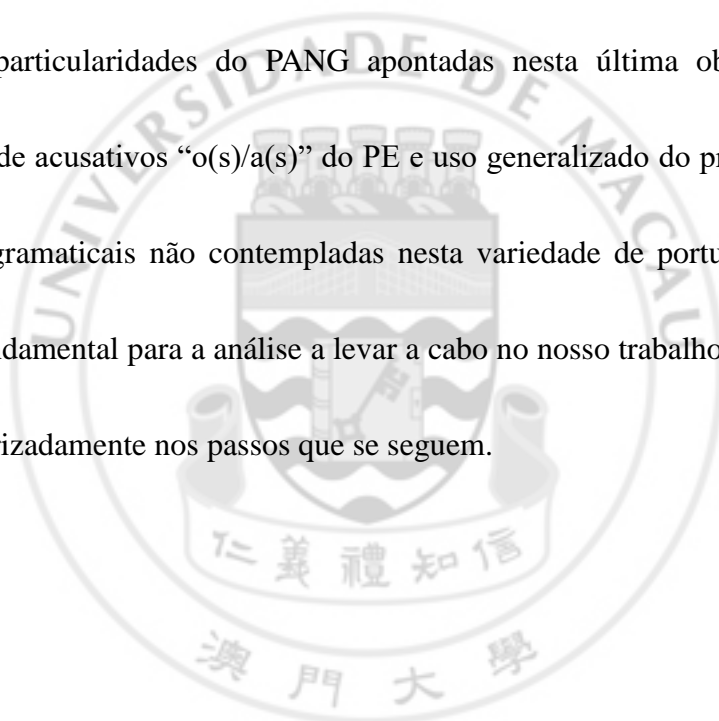
³² O estudo sobre o sistema pronominal efectuado por Figueiredo & Oliveira (2013) realizou-se no âmbito das pesquisas daquele que é conhecido como o *Projeto Libolo* (Projeto “Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários”), e que incidiu sobre o PLB. A análise, de carácter sociolinguístico com recurso à ferramenta VARBRUL, é pioneira no que concerne ao estudo detalhado do sistema pronominal de uma variante do PANG. Ao analisar dados de um corpus de fala recolhido no Libolo em 2011 e 2013, com aplicação de métodos quantitativos, os autores observam o modo como as gramáticas concorrentes do quimbundo e do português afectam o desempenho linguístico dos seus utilizadores, isto é, a forma como as distintas gramáticas geracionais determinam alternâncias de códigos que se encaixam no conhecimento linguístico dos angolanos para elaborarem estruturas gramaticais coesas e que configuram mudança no PLB, e, por extensão, no PANG. No que diz respeito ao uso proclítico dos pronomes clíticos, os resultados revelam que já se está perante uma situação de mudança consumada, uma vez que é esta a estrutura linguística que se encaixa no uso social generalizado.

*Cá fora gente conseguiu se **aproximar** quase da entrada.*

(Cardoso, 1980: 53)

(vii) A ausência de pronomes clíticos objecto directo “o(s)/a(s)” e uso absoluto e regularizado do pronome “lhe(s)” com funções ora átonas ora tónicas, ora acusativas ora dativas, são também características apontada à “falaescrita” angolana por Figueiredo (2003: 120-121) e Figueiredo & Oliveira (2013: 143).

As particularidades do PANG apontadas nesta última observação, ou seja, ausência de acusativos “o(s)/a(s)” do PE e uso generalizado do pronome “lhe(s)” em funções gramaticais não contempladas nesta variedade de português, constituem a chave fundamental para a análise a levar a cabo no nosso trabalho e que discutiremos pormenorizadamente nos passos que se seguem.



3. Metodologia

A chave fundamental para a nossa análise centra-se no sistema de pronominalização do PANG, isto é, na ausência de pronomes acusativos “o(s)/a(s)” e no uso generalizado do pronome clítico “lhe(s)” para as funções tanto acusativa como dativa neste idioma. Estas particularidades estabelecem um sistema de uso distinto daquele que se regista nos padrões do PE e do PB. Neste trabalho, o nosso objectivo é, com recurso a uma análise morfossintáctica contrastiva do *corpus* por nós levantado com o dos dados de fala recolhidos e analisados no âmbito do *Projeto Libolo*, confirmar que não existem distinções nos usos de “lhe(s)” no contexto oral e no âmbito literário. Paralelamente, pretende-se realçar a cristalização desse uso como “trampolim” para a mudança linguística registada no sistema pronominal do PANG e, consequentemente, para a necessidade do reconhecimento do estatuto de variedade para esta língua em Angola. Para isso, é indispensável fazermos referência ao trabalho pioneiro de Figueiredo & Oliveira (2013), que realizou o cotejo do sistema pronominal de uma variedade do PANG, ou seja, do PLB, possibilitando-nos observar o comportamento e frequência de uso do clítico “lhe(s)” nos dados orais colectados no âmbito do *Projeto Libolo*.

Uma das linhas de pesquisa linguística do *Projeto Libolo* abrange um estudo pormenorizado, com recurso à metodologia da sociolinguística quantitativa, sobre os

usos de pronomes no português falado na região, cuja maioria de falantes tem o quimbundo como L1. No estudo de Figueiredo & Oliveira (2013) são expostos particularidades e resultados pormenorizados sobre o uso do clítico “lhe(s)”.

No Município do Libolo, tal como em Angola, embora o português seja a língua oficial e de escolaridade, a língua portuguesa é geralmente adquirida como L2 pelos seus falantes. No entanto, e embora o quimbundo seja a língua maioritariamente predominante do município, grande percentagem dos seus falantes utiliza também o português adquirido como L2. Neste município, e mais uma vez tal como em Angola, devido à expansão territorial do português, muitos falantes das gerações mais novas adquiriram a língua portuguesa marcada por forte variação como L1, que lhes foi transmitida pelos seus progenitores falantes do português L2. Deste modo, os traços linguísticos quer do português L2 quer do português L1 do Município do Libolo reflectem marcas do substrato directo do português L2, ou seja, do quimbundo (Figueiredo & Oliveira, 2013: 173). Os traços ou estruturas linguísticas do quimbundo L1 que transitam espontaneamente para o português L2 na fase de aquisição deste reflectem-se a vários níveis, que vão desde particularidades lexicais a fonológicas, passando, obviamente, pelas morfossintáticas.

No trabalho de Figueiredo & Oliveira (2013), o estudo sócio-quantitativo realizado, bastante abrangente, observou um total de 2015 ocorrências registadas no

uso dos diferentes tipos de pronomes pessoais pelos habitantes do Município do Libolo.³³ A análise dos resultados atesta as seguintes observações fundamentais para o nosso trabalho:

[...] O maior registro de variação centra-se no uso dos clíticos e oblíquos tônicos, com pesos relativos categóricos atestando esta particularidade, como se verá aquando da análise dos resultados das variáveis independentes constituídas para observação do comportamento deste tipo de pronomes pessoais. Assim, os diferentes tipos de clíticos registraram 756 ocorrências, com uma taxa percentual de aplicação da regra de 28.2% e um valor de variação de 71.8%. Quanto aos oblíquos tônicos, apresentam 109 realizações, registrando 75.2% de uso consoante o padrão do PE e 24.8% de variação (p.r. de variação = 0.839).

(Figueiredo & Oliveira, 2013: 130-131)

Não menos importante é também a observação dos mesmos autores sobre o uso generalizado do clítico “lhe(s)” com as funções de acusativo e dativo:

[...] os pronomes clíticos não reflexivos acusativo/dativo vêm-se uniformizando no sentido de configurarem um sistema único no PLB, tal como acontece no quimbundo, o que, no caso da 3ª pessoa, leva à aplicação da forma neutralizada única “lhe(s)” (cópia da forma dativa, que surge primeiro na estrutura pronominal), regularizando-a para ambas as funções objeto indireto e objeto direto, em desfavor da forma acusativa “o(s)/a(s)”.

(Figueiredo & Oliveira, 2013: 148)

Como base no tipo de variação sistemática detectado no PLB, Figueiredo & Oliveira (2013: 175) reclamam o estatuto de variedade para o PANG. Para

³³ No estudo de Figueiredo & Oliveira (2013) foram observados dados de fala de informantes de ambos os sexos, com níveis de escolaridade que vão desde o analfabetismo ao ensino superior e de escalões etários que variam dos 6 aos 88 anos de idade.

confirmação desta pretensão, é lícito que verifiquemos se o uso uniformizado do clítico “lhe(s)” também ocorre em outras manifestações linguísticas não contempladas no estudo destes autores, ou seja, na escrita literária, enquanto reflexo do que se passa a nível geral em território angolano.

A selecção do conto “Kalú, as Garinas e o Esquema”, de Boaventura Cardoso, para uma análise comparativa de dados do PLB e do PANG foi direccionada por critérios específicos da metodologia para o estudo contrastivo entre línguas, que impõe que só se possam comparar elementos que têm o mesmo nível comparabilidade (*level of comparability*) e de equivalência (*tertium comparationis*) (Lado,1972; Zhao,1995). Nesse sentido, é lícito questionar se os dados literários do conto seleccionado por nós podem ser contrastados com os dados de fala recolhidos por Figueiredo & Oliveira (2013). Vejamos, então, as características referentes aos dois *corpora* que se pretende contrastar:

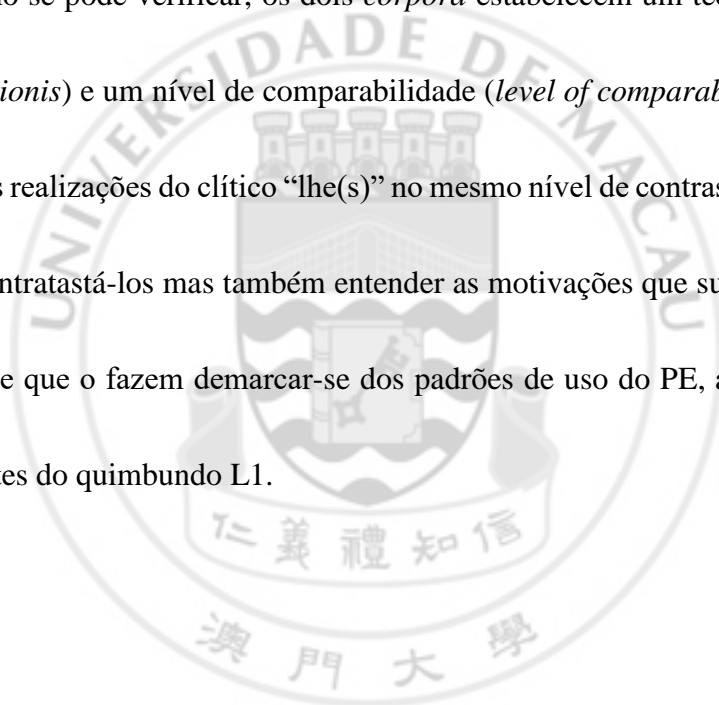
(A) “Kalú, as garinas e o esquema”, de Boaventura Cardoso

- (i) Autor falante bilíngue do quimbundo e do português;
- (ii) Estilo literário da escrita que reflecte a “angolanidade” do PANG. Este estilo é classificado por muitos estudiosos e especialistas como uma “falaescrita”, dado que reflecte exactamente as ocorrências de fala em Angola;
- (iii) Autor que reclama o estatuto de variedade para o PANG.

(B) Dados de fala recolhidos no âmbito do *Projeto Libolo*

- (i) Falantes bilíngues do quimbundo e do português;
- (ii) Dados de fala que reflectem a “angolanidade” do PLB e que se servem de espelho para as realizações do PANG.
- (iii) Autores que reclamam o estatuto de variedade para o PANG.

Como se pode verificar, os dois *corpora* estabelecem um tecto comum (*tertium comparationis*) e um nível de comparabilidade (*level of comparability*) que permitem colocar as realizações do clítico “lhe(s)” no mesmo nível de contraste. Logo, é possível não só contrastá-los mas também entender as motivações que subjazem aos usos de “lhes(s)” e que o fazem demarcar-se dos padrões de uso do PE, a antiga língua-alvo dos falantes do quimbundo L1.



4. Análise dos resultados

Como mencionado no capítulo anterior, a nossa análise centra-se no sistema de pronominalização do PANG, tendo-se observado, para tanto, a particularidade da ausência de pronomes acusativos “o(s)/a(s)” e a questão do uso generalizado do pronome clítico “lhe(s)” para as funções tanto acusativa como dativa neste idioma. O corpus para análise foi extraído do conto “Kalú, as Garinas e o Esquema”, de Boaventura Cardoso. A Tabela 1 apresenta os resultados gerais das nossas observações.

Os resultados da Tabela 1 apontam, em primeira análise, para um uso das funções morfossintáticas do clítico “lhe(s)” em tudo idêntico ao avançado por Figueiredo & Oliveira (2013) nos dados de fala do PLB. De facto, registamos um total de 30 ocorrências³⁴ com o clítico “lhe(s)” no *corpus* em análise, com forte tendência para a variação sistemática. Ainda que a função dativa como objecto indirecto seja também a utilização “correcta” de “lhe(s)”, como no padrão do PE, as outras duas formas, acusativa e oblíqua, terão que ser vistas como usos agramaticais na variedade europeia. Importa ainda notar que o uso do clítico “lhe(s)” com função dativa é o menos significativo (20.0%), quando comparado com a variação apresentada quer pela função oblíqua (26,67%) quer pela função acusativa (53,33%), não subsistindo dúvidas

³⁴ A metodologia de análise de resultados em sociolinguística quantitativa impõe que trinta é o número mínimo de ocorrências tido como confiável para a determinação, com exactidão, do peso que uma certa ocorrência linguística tem para ser considerada variação sistemática de uma determinada variedade de língua (Guy & Zilles, 2007: 153).

quanto à variação categórica e sistemática desta última.

Tabela 1. Ocorrências dos pronomes clíticos “lhe(s)” e “o(s)/a(s)” em “Kalú, as Garinas e o Esquema”, de Boaventura Cardoso

Pronome clítico “lhe(s)”			
Funções gramaticais	Ocorrências		Exemplo
	Total	%	
OD	16	53.33 %	Mulher grávida lhe pisam [...] (Cardoso, 1980: 51) ³⁵ (PE: A mulher grávida, pisam- na .)
OInd	6	20.00 %	Daí há pouco toda sorriso lhe pergunta: mi gostas? (Cardoso, 1980: 60) ³⁶ (PE: Daí a pouco, toda sorridente, pergunta- lhe : “Gostas de mim?”)
OBL tónico	8	26.67 %	Baza, na desconfiança do outro lhe olhando só. (Cardoso, 1980: 51) ³⁷ (PE: Vai-se embora, e o outro olhando para ele bastante desconfiado.)
Pronome clítico “o(s)/a(s)”			
Funções gramaticais	Ocorrências		Exemplo
	Total	%	
OD	0	00.00 %	---
Total	30	100.00%	---

Seguidamente, passaremos à análise detalhada dos nossos resultados, buscando explicações que ajudem a entender o porquê dos usos do pronome clítico “lhe(s)” com funções de OD, de OInd e de pronome OBL tónico no PLB e no PANG. Apresentaremos ainda um breve comentário sobre variação fonológica na realização

³⁵ Exemplo (6) do anexo 1.

³⁶ Exemplo (16) do anexo 1.

³⁷ Exemplo (1) do anexo 1.

do mesmo pronome nas duas variedades de português faladas em Angola e, por fim, discutiremos o uso nulo do pronome OD “o(s)/a(s)” do PE, também nestas duas variedades.

4.1. *Pronome clítico “lhe(s)” objecto directo*

Os dados do trabalho de Figueiredo & Oliveira (2013) evidenciam que o pronome clítico “lhe(s)” é o único que desempenha a função de OD no PLB, sendo este uso uma especificidade distinta do que acontece no PE, já que nesta variedade de português não se utiliza esse clítico como OD, uma vez que se recorre às formas “o(s)/a(s)”. Por outro lado, é importante salientar que a colocação do clítico “lhe(s)” na sequência frásica é proclítica (exemplo [1]), observando-se também um uso distinto ao do PE, em que a posição do pronome é tendencialmente enclítica, ou seja, é colocado depois do verbo (exemplo [2]):

[1] PLB:³⁸

lhes mandam arrebentar os armazéns [JERANH5]
(PE: mandaram-**nos** arrebentar os armazéns)

[2] PE:

O filho comprou um livro e deu-**o** ao pai. (Ferreira & Figueiredo, 1978: 97)

³⁸ Figueiredo & Oliveira (2013: 143); dado renumerado.

Não obstante, o uso proclítico atestado no PLB reflecte a estrutura do quimbundo, que é a L1 da maioria dos falantes do Libolo. No exemplo [3] pode confirmar-se o uso proclítico do pronome OD nesta língua, realizado com a forma “mu”:

[3] QUIMBUNDO:³⁹

Nga	mu ~mono
AFX1SG~PERF	OD+ver
(eu)	o +ver
(PE: Vi- o)	

Deste modo, levanta-se a possibilidade de a colocação proclítica no PLB configurar uma transferência estrutural do sistema do quimbundo e que se cristaliza geracionalmente por *transmissão linguística irregular*, pois, segundo Figueiredo & Oliveira (2013: 146 *apud* Marques, 1985, 222), estamos perante uma situação de uso pronominal:

[...] espelhando a colocação proclítica destas línguas e refletindo o conflito entre as gramáticas da L1 e L2, já que o enclítico não reflexivo acusativo/dativo “em Kikongo, Umbundu e Kimbundu não ocupa a mesma posição que ocupa na LP, visto que naquelas línguas o pronome antepõe o verbo, ao contrário da LP em que, no geral, ocorre na posição enclítica”.

Conforme Tabela 1, os dados do *corpus* do nosso trabalho também acompanham as particularidades apresentadas por Figueiredo & Oliveira (2013) para o uso do enclítico “lhe(s)” no PLB, confirmando quer a sua colocação proclítica quer sendo o

³⁹ Mingas (2000: 71) *apud* Figueiredo & Oliveira (2013:147); dado renumerado.

pronome exclusivo para a função de acusativo:

- [4] PANG:⁴⁰
Mulher grávida **lhe** pisam, [...]
(PE: A mulher grávida, pisam-**na**)

Portanto, tal como no PLB, os dados do PANG ratificam também a não aplicação do pronome “o(s)/a(s)” do PE para a função acusativa.

4.2. Pronome clítico “*lhe(s)*” *objecto indirecto*

A tendência da colocação proclítica de “*lhe(s)*” no PLB não ocorre apenas no seu uso como OD, mas vai também acontecer na sua aplicação como OInd (exemplo [5]). Neste caso, ocorre igualmente uma distinção em relação ao PE (exemplo [6]), apesar de o pronome usado nestas duas variedades de português ser o mesmo. Uma vez mais, o uso estrutural de “*lhe(s)*” espelha o que acontece no quimbundo (exemplo [7]):

- [5] PLB:⁴¹
vamo **lhe** cortar a orelha [JERANH5]
(PE: vamos cortar-**lhe** a orelha)

- [6] PE:
Traga-**me** o dinheiro amanhã. (Cunha & Cintra, 1997 [1984]: 477)

⁴⁰ Cardoso (1980: 51); Exemplo (6) do anexo 1.

⁴¹ Figueiredo & Oliveira (2013: 144); dado renumerado.

[7] QUIMBUNDO:⁴²

Nga	mu ~bane	mahonjo
AFX1SG~PERF	OInd+dar	AFXPL+banana
(eu)	lhe +dar	bananas

(PE: Dei-**lhe** (as) bananas)

De novo, os dados do nosso *corpus* atestam também um uso estrutural e morfossintático idêntico ao do PLB, desta vez com o pronome “lhe(s)” desempenhando a função de OInd:

[8] PANG:⁴³

Daí há pouco toda sorriso **lhe** pergunta: mi gostas?
(PE: Daí a pouco, toda sorridente, pergunta-**lhe**: “Gostas de mim?”)

Ressaltamos ainda que, no quimbundo, para além do uso proclítico, um sistema de colocação estrutural que é categórico também no uso pronominal do PLB e do PANG, é importante apontar que o pronome acusativo “mu” serve as funções de OD e OInd. A situação é idêntica no PLB e no PANG, em que um mesmo pronome clítico, no caso o clítico “lhe(s)” tendencialmente proclítico, vai igualmente desempenhar as funções tanto de OD como de OInd, aspecto que é enfatizado por Figueiredo & Oliveira (2013: 147):

Por outro lado, refletindo também o que acontece no substrato direto do PLB, o quimbundo, no qual “os pronomes infixos estão ora no acusativo (complemento direto) ora no dativo (complemento indirecto) sem diferença na forma ou na posição” (Chatelain, 1888-1889: 76, nota de rodapé 106),

⁴² Mingas (2000:71) *apud* Figueiredo & Oliveira (2013:147); dado renumerado.

⁴³ Cardoso (1980: 60); Exemplo (16) do anexo1.

ou seja, no qual as formas objeto direto e indireto recorrem ao mesmo pronome [...]

Em vista disso, é lícito inferir que os falantes do PLB e do PANG têm tendência em adquirir o mesmo pronome clítico “lhe(s)” ora para OD ora para OInd, por influência espontânea da estrutura linguística do quimbundo L1, “cristalizando” o uso indiscriminado de “lhe(s)” para a dupla função acusativa e dativa. Daí que surja uma questão pertinente: porque é que os falantes optam pelo pronome clítico “lhe(s)” e não pelo pronome OD “o(s)/a(s)”? De facto, mesmo que a forma seja única para as funções de OD e OInd, a opção poderia cair sobre “o(s)/a(s)” em vez de “lhe(s)” para desempenhar essas funções. Para justificar esta especificidade, e se tivermos em conta a hipótese da influência da L1 na estrutura da L2 em aquisição, é necessário analisarmos as características do substrato dos falantes, o quimbundo, prestando atenção ao seguinte exemplo:

[9] QUIMBUNDO:⁴⁴

Ngombe	nga	mu ~sumba	mu
AFXSG+boi	AFX1SG~PERF	OInd+comprar	OD
Boi	(eu)	lhe +comprar	o

(PE: O boi, (eu) comprei-**lho**)

No quimbundo, quando ocorre a realização dos dois pronomes⁴⁵ que, de facto, como indicado anteriormente, é o mesmo pronome (“mu”) utilizado para ambas as

⁴⁴ Zau (2001: 25) *apud* Figueiredo & Oliveira (2013: 147).

⁴⁵ A ocorrência simultânea do pronome “mu” desempenhando as funções de OInd e OD em estruturas frásicas do quimbundo é extremamente rara, quase inexistente, já que os falantes desta língua optam

funções acusativa e dativa, aquele que ocorre primeiro na cadeia linear da frase é o pronome OInd. Quanto a “mu” OD, é sempre colocado em segundo lugar na frase (OInd [mu] > V > OD [mu] – exemplo [9]). Portanto, os falantes têm tendência de adquirirem a forma do OInd que ocorre primeiro na estrutura do quimbundo. Tendo em consideração que o pronome OInd do PE é “lhe(s)”, esta poderá ser uma explicação para o facto de os falantes do quimbundo L1 em aquisição do português L2 adquirirem a forma “lhe(s)” e não o pronome “o(s)/a(s)”. Depois, devido à aplicação do mesmo pronome “mu” como OD no quimbundo, os falantes vão usar também a forma única “lhe(s)” para o português L2, que se “cristaliza” geracionalmente como OD no PLB e no PANG por *transmissão linguística irregular*. De acordo com Figueiredo & Oliveira (2013: 148), esta aquisição irregular relativamente ao PE é explicada como uma “*realização lexical dos pronomes do substrato quimbundo (forma única para dativo e acusativo)*”, ocorrendo uma transferência estrutural do quimbundo e uma aquisição lexical que se espelha também nesta língua (Figueiredo & Oliveira, 2013: 148).

Por outro lado, a aquisição da forma única de “lhe(s)” ainda poderá ser explicada através de outra característica do quimbundo: esta língua, tal como a generalidade das línguas do grupo nígero-congolês, não tem sistema de flexão. Desta maneira, a nossa experiência de falantes de chinês L1 (língua sem sistema flexional) em aquisição de

por usar a estrutura composta por um nome e apenas uma das formas pronominais.

português L2, diz-nos que é mais fácil a aquisição de formas de flexão reduzida, como acontece com o clítico “lhe(s)” que não tem flexão de género, por oposição ao clítico “o(s)/a(s)”, já que este possui flexão de género e de número. A tendência para a aquisição de formas mais simplificadas das línguas com flexão encontra-se já documentada em trabalhos sobre aquisição de línguas (p. ex. Figueiredo 2010b: 239).

A aquisição da forma “lhe(s)” desempenhando dupla função de OD e OInd no PLB e no PANG também impede a realização de contracção “OInd + OD” (tal como no quimbundo), mas que ocorre no PE (“lho(s)/lha(s)”). Portanto, no PLB e no PANG, quando necessitam de aplicar as duas formas, os falantes recorrem sempre às estruturas analíticas OD > V > NOME ou OInd > V > NOME, mas nunca à estrutura sintética OInd+OD > V (Figueiredo & Oliveira, 2013: 147), gerando frases em que apenas um dos nomes pode ser pronominalizado – veja exemplos (1) e (5), que aqui se repetem para facilidade de leitura:

[10] PLB:⁴⁶

lhes mandam arrebentar os armazéns [JERANH5]
(PE: mandaram-**nos** arrebentar os armazéns)

[11] PLB:⁴⁷

vamo **lhe** cortar a orelha. [JERANH5]
(PE: vamos cortar-**lhe** a orelha)

⁴⁶ Figueiredo & Oliveira (2013: 143); dado renumerado.

⁴⁷ Figueiredo & Oliveira (2013: 144); dado renumerado.

4.3. Pronome clítico “lhe(s)” oblíquo tónico

A colocação proclítica de “lhe(s)” que se regista no uso como OD e OInd, vai continuar a acontecer, mais uma vez, com este pronome desempenhando a função de OBL tónico tanto no PLB (exemplos [12] e [13]) como no PANG (exemplo [14]). Este uso morfossintáctico é também distinto daquele que se atesta no PE, já que nesta variedade de português não existe a aplicação de “lhe(s)” como pronome OBL tónico. Por outro lado, a utilização dos pronomes OBLs tónicos no PE tem de ocorrer obrigatoriamente com preposição⁴⁸, o que não acontece com o uso do oblíquo tónico “lhe(s)” no PLB e no PANG. Portanto, constatamos que há uma distinção acentuada no sistema de pronominalização do pronome clítico “lhe(s)” entre o PE e o PLB. Contudo, no que diz respeito ao padrão de uso do PANG, ele é em tudo idêntico ao do PLB.

[12] PLB:⁴⁹

[...] quando **lhe** fugi até nem olhei atrás [DALLAM5]
(PE: quando fugi **dela** até nem olhei para trás)

[13] PLB:⁵⁰

Ali que foi num conseguiu, agora **lhi** vorta [DALLAM5]
(PE: Ali aonde foi, não conseguiu, agora voltou **para ele**)

⁴⁸ “Sabemos que as formas oblíquas tónicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposições. Como os pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de: complemento nominal, [...] objecto indirecto, [...] objecto directo (antecedido da preposição a e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento), [...] agente da passiva, [...] adjunto adverbial” (Cunha & Cintra, 1997 [1984]: 298-299).

⁴⁹ Figueiredo & Oliveira (2013: 168); dado renumerado. A propósito do uso da variante “lhi” atestada neste exemplo, veja-se ponto 4.4 deste trabalho.

⁵⁰ Figueiredo & Oliveira (2013: 168)

[14] PANG:⁵¹

Baza, na desconfiança do outro **lhe** olhando só.

(PE: Vai-se embora, com o outro olhando **para ele** bastante desconfiado.)

4.4. *Varição fonológica do clítico “lhe(s)” no português do Libolo e no português de Angola*

O exemplo [13] mostra-nos que pode ocorrer ainda outro tipo de variação na aplicação de “lhe(s)” no PLB e no PANG, desta vez de características fonológicas. O uso da variante “lhi(s)” ocorre por influência da L1 quimbundo, que não possui vogais baixas, como acontece no PE, o que leva os falantes da língua africana em aquisição do português L2 a realizarem estas como vogais altas.

As variações fonológicas registadas no uso de “lhe(s)” tanto no PLB como no PANG podem levar também a realizações despalatalizadas, uma vez mais por influência do sistema fonético do quimbundo. Figueiredo & Oliveira (2013) atestam estes usos no PLB (exemplo [15]), enquanto Miguel (2003: 15 *apud* Miguel, 2008: 42) os aponta no PANG (exemplo [16]), enfatizando mesmo que a forma já está registada na escrita:

[15] PLB:⁵²

contam memo que aquele é feiticeiro, **le** acusaram [DALLAM5]

(PE: dizem mesmo que aquele é feiticeiro, acusaram-**no**)

⁵¹ Cardoso (1980: 21); exemplo (1) do anexo1.

⁵² Figueiredo & Oliveira (2013: 155, nota de rodapé 58); dado renumerado.

[16] PANG:⁵³

Eu não **le** conheço.

(PE: Eu não **o** conheço)

4.5. Considerações sobre o nulo do clítico OD “o(s)/a(s)” no português do Libolo e no português de Angola

Tanto os dados de Figueiredo & Oliveira (2013) sobre o PLB, como o do *corpus* que estuda o PANG (Tabela 1), apontam à mesma observação: o uso do pronome OD “o(s)/a(s)” do PE não se atesta em qualquer destas falas, verificando-se um uso categórico do clítico “lhe(s)” para desempenhar a função acusativa.

Tal como apontado no ponto 2 da análise dos resultados, os falantes do quimbundo L1 em aquisição do português L2 têm tendência em optar pela forma dativa “lhe(s)”, e não pela forma acusativa “o(s)/a(s)”, muito provavelmente em virtude de a sua língua materna apresentar apenas uma forma única para a realização pronominal acusativa/dativa (pronome “mu”) e também porque o quimbundo é uma língua sem flexões. Figueiredo & Oliveira (2013) discutem pormenorizadamente a questão da não realização da forma acusativa “o(s)/a(s)”. O PB regista idêntico fenómeno, e, como causa que origina este paradigma pronominal “empobrecido”, os estudos têm sido apontadas possibilidades como a

perda de clíticos acusativos de 3ª pessoa, o emprego de pronomes “nominativos” (“ele(s)”; “ela(s)”) em posição de complemento de verbos

⁵³ Miguel (2003: 15 *apud* Miguel, 2008: 42); dado renumerado.

transitivos directos, ou, ainda, o emprego de categorias vazias na posição de complemento (os objectos nulos). Citem-se, em rápido apanhado, estudos que – ainda que com enfoques distintos – se centraram no PE como paradigma para o cotejo com o PB: Tarallo (1983), Duarte (1993), Cyrino (1993; 1997); Kato (1999), Galves (2001), Galves et alii (2005).

(Figueiredo, Jorge & Oliveira, 2016: 253)

Mais uma vez, estamos perante justificações que apontam para apagamentos ou simplificações, em que os autores citados são ainda corroborados por outros (p.e. Oliveira, 1989; Nunes, 1998; Miguel, 2008). Porém, Figueiredo & Oliveira (2013) e (Figueiredo, Jorge & Oliveira, 2016: 253) demarcam-se destas possibilidades, defendendo que se está, isso sim, face à não aquisição de material morfológico da língua-alvo, já que a forma nunca foi realizada no PLB. Os mesmos autores conotam a ocorrência de idêntico fenómeno no PB à questão do processo de formação histórico-linguístico da sociedade brasileira, que envolve, necessariamente, a problemática das línguas envolvidas com o contacto na complexa cadeia de transmissão linguística de África para o Brasil, ou seja, a probabilidade de um *contínuo de português* constituído por variedades africanas e brasileiras Petter (2007; 2008; 2009b; 2015b) e de Figueiredo (2010a; 2010b).

Figueiredo & Oliveira (2013: 148-149, incluindo Figura 2) apresentam ainda evidências de que as escassas realizações do clítico OD “o(s)/a(s)” no PLB e no PANG se atestam em falantes com nível de escolaridade bastante alto (universitário ou pré-universitário), pelo que a forma é adquirida tardiamente via ensino, uma vez que os

manuais angolanos, na sua maioria, continuam a ser elaborados em PE. Em 2011, o autor Carlos Figueiredo procedeu ainda a recolhas de dados orais no Libolo, em ambiente de sala-de-aulas (níveis de alfabetização, primário e secundário) que atestam unicamente o uso de “lhe(s)”, pelos docentes, para as duas funções OD e OInd.⁵⁴ Deste modo, ainda que o pronome OD “o(s)/a(s)” conste nos manuais angolanos elaborados em PE, ele não é ensinado nas escolas, pois quer professores quer alunos não o adquiriram e, conseqüentemente, não fazem uso dele.

A Figura 2 do trabalho de Figueiredo & Oliveira (2013: 149) apresenta um cartaz oficial do Governo angolano, cujos registos escritos reflectem o português “culto” de Angola. Contudo, esse cartaz também não atesta o uso do pronome acusativo “o(s)/a(s)” do PE, quando seria necessário utilizá-lo. Estas evidências dão garantias seguras para Figueiredo & Oliveira (2013: 152) defenderem que a aplicação do pronome acusativo “o(s)/a(s)” do PE não chega a fazer parte da gramática dos falantes quer do PLB quer do PANG:

*Ratificamos então a nossa visão de que estamos face a uma opção pelo dativo “lhe(s)” determinada pelo pareamento de traços que governam a sintaxe, já que **o pronome acusativo “o(s)/a(s)” não faz nem nunca fez parte da gramática intuitiva dos falantes do PLB** e só vai surgir em registos de indivíduos com escolaridade alta e/ou de utilizadores do português culto, que o adquiriram tendo o PE como L1, ou, em*

⁵⁴ *Projecto de Pesquisa: Português reestruturado por aquisição linguística numa situação de contacto: aquisição geracional, tipologia linguística e análise gramatical – veja capítulo dedicado ao PANG.*

contrapartida, em ambiente formal de sala de aulas, isto é, em fases avançadas de contato com o português.

Seguidamente, passamos a apresentar as conclusões do nosso estudo.



5. Considerações Finais

Neste trabalho, realizou-se uma análise morfossintáctica contrastiva do clítico “lhe(s)” no conto “Kalú, as garinas e o esquema” da obra *O Fogo da Fala*, de Boaventura Cardoso, observando o seu uso relativamente aos dados de fala do PLB. Assim, tendo como base o trabalho de Figueiredo & Oliveira (2013), que apresenta resultados sobre os usos específicos do clítico “lhe(s)” no PLB, pretendemos verificar se esses usos se registam não apenas nos contextos de fala, mas também na escrita literária.

O trabalho de Figueiredo & Oliveira (2013) foi efectuado no âmbito das pesquisas do *Projeto Libolo* e é um estudo pioneiro sobre o sistema de pronominalização do português falado no Município do Libolo. O estudo mostra que o uso do pronome clítico “lhe(s)” apresenta variação muito significativa, uma vez que este pronome desempenha funções de OD, OInd e OBL tónico no PLB. Por outro lado, esta variação também é categórica no que diz respeito à colocação proclítica de “lhe(s)”. Há ainda que ter em conta que o mesmo trabalho chama a atenção para o uso nulo do pronome OD “o(s)/a(s)” do PE no PLB. Deste modo, os dados de fala do PLB analisados por Figueiredo & Oliveira (2013) permitiram-nos efectuar uma análise contrastiva entre o PLB e o PANG, em geral, e também o PE, para confirmarmos se os usos distintos do clítico “lhe(s)” não ocorrem especificamente no PLB, mas também acontecem a nível

literário, reflectindo, desta forma, um uso generalizado em Angola, ou seja, no PANG.

Os resultados do nosso estudo apontam que o uso do pronome clítico “lhe(s)” como OD é categórico, marcando com a maior incidência (53.3%) os dados do *corpus* por nós levantado. É importante salientar que, para além de ser a única forma que funciona como OD no PANG, o clítico “lhe(s)” apresenta também um uso proclítico, tal como no PLB. Todas essas especificidades são distintas do padrão do PE, já que nesta variedade de português se utilizam apenas os pronomes acusativos “o(s)/a(s)” como OD. Por outro lado, o uso dos clíticos no PE é tendencialmente enclítico.

A colocação proclítica no PLB e no PANG também acontece no uso de “lhe(s)” como OInd. Apesar de este clítico com função de OInd ser o mesmo no PE, a sua colocação na cadeia frásica é distinta da variedade europeia, a qual, uma vez mais, recorre ao uso tendencialmente enclítico. Os dados por nós levantados apresentam uma incidência de uso do clítico “lhe(s)” OInd de apenas 20,0%, sendo mesmo inferior à da sua utilização como pronome OBL tónico (26,7%), uma função que não se regista no PE. De facto, os pronomes OBLs tónicos no PE não registam a forma “lhe(s)” e têm de ocorrer obrigatoriamente com preposição.

Regista-se, assim, uma distinção acentuada no uso do sistema pronominal entre o PE e o PANG/PLB, sobretudo, no uso dos clíticos. Constatamos ainda que, tal como apontado por Figueiredo & Oliveira (2013), quer as funções distintas como OD e OInd

quer a colocação proclítica no PANG/ PLB, reflectem aquilo que se passa na língua quimbundo, a L1 da maioria dos falantes do Libolo e da região onde nasceu e cresceu o autor do conto por nós analisado, que também é falante deste idioma. O que se nota no PANG e no PLB, é que esses usos poderão configurar transferências sintáctico-estruturais do sistema do quimbundo, revelando a tendência dos falantes adquirirem a forma única “lhe(s)” com funções de OD e OInd, porque na língua africana em questão estes dois pronomes também são representados por um único pronome, no caso a forma “mu”. Quanto à opção pela aquisição do pronome “lhe(s)” e não do pronome “o(s)/a(s)” (que também poderia ser uma possibilidade para representar a dupla função de OD e OInd), ela poderá estar relacionada com o facto de, no quimbundo, o pronome OInd ocorrer sempre primeiro na cadeia linear frásica. Outra hipótese ainda para a aquisição de lhe(s)” poderá estar ligada ao facto de, na aquisição de L2s, os falantes adquirirem com mais facilidade o material morfológico da língua-alvo que configura estruturas mais simplificadas e que se aproximem da sua L1. Como o quimbundo é uma língua sem flexões, será mais fácil para os seus falantes adquirirem a forma do OInd (a primeira na cadeia frásica do quimbundo) “lhe(s)”, já que esta, ao contrário do clítico “o(s)/a(s)”, não possui flexão de género. Deste modo, tal como no PLB, também não há ocorrências do pronome OD “o(s)/a(s)” do PE no corpus por nós constituído. Em vista disso, e tal como Figueiredo & Oliveira (2013), somos levados a considerar que

o pronome acusativo “o(s)/a(s)” não faz parte da gramática dos falantes do PANG, em virtude de não ser adquirido por eles. Portanto, e ao contrário do que defendem certos autores que tomam o sistema pronominal do PE como paradigma para cotejos com o PB ou o PANG, não estamos perante casos de perda de clíticos acusativos de 3ª pessoa, emprego de pronomes “nominativos” (“ele(s)”; “ela(s)”) em posição de complemento de verbos transitivos directos, ou, ainda, de emprego de categorias vazias na posição de complemento (os objectos nulos), mas sim face a uma situação de não aquisição deste pronome, que apenas é adquirido via ensino, sendo esporadicamente utilizado por falantes com elevado grau de escolaridade em Angola.

Podemos então concluir que o PANG acompanha, na totalidade, os usos do clítico “lhe(s)” atestados por Figueiredo & Oliveira (2013) no PLB, usos esse que se demarcam dos usos verificados no PE, sobretudo no que concerne: (i) à sua colocação proclítica na estrutura frásica; (ii) ao recurso ao pronome “lhe(s)” para desempenho da dupla função OD e OInd; (iii) à utilização de “lhe(s)” como oblíquo tónico sem recurso a preposições. Por fim, a variação sistemática levantada no nosso estudo relativamente ao PE evidencia uma situação de mudança linguística consumada em Angola. Assim, faz todo o sentido dirigir-nos também, tal como Figueiredo & Oliveira (2013), e tal como o autor do conto, Boaventura Cardoso, à reclamação de que os usos do PANG não devem ser visto como marginais ou errados, mas como especificidades que

marcam a “angolanidade” do português falado no país e que colocam, na pauta, a necessidade de se atribuir a este o estatuto de variedade.



Referências Bibliográficas

- Alameda Editorial. 2005. “Boaventura Cardoso, a escrita em processo”. Acesso em 3 de Fevereiro de 2016. Disponível em:
<http://www.alamedaeditorial.com.br/boaventura-cardoso-a-escrita-em-processo/>
- Cardoso, Boaventura. 1980. “Kalú, as garinas e o esquema”. In: Boaventura Cardoso, *O Fogo da Fala – exercícios de estilo*, 49-64. Lisboa: Edições 70.
- Chatelain, Heli. 1888-1889. *Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola*. Genebra: Typ. De Charles Schuchardt.
- Cunha, Celso & Lindley Cintra. 1997 [1984]. *Nova gramática do português contemporâneo*, 13ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa.
- Cyrino, Sônia Maria Lazzarini. 1997. *O objeto nulo no português brasileiro: um estudo sintatico-diacronico*. Londrina: Ed. UEL.
- Cyrino, Sônia Maria Lazzarini. 1993. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In Ian Roberts & Mary Azawa Kato (orgs), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, 163-184. Campinas: Editora da Unicamp.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, p. 107-128. Campinas: Editora da Unicamp.
- Ferreira, A. Gomes & J. Nunes de Figueiredo. 1978. *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. a sair. “Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil”. In: Gabriel Antunes de Araújo, Paulo Jeferson Pilar Araújo & Márcia Santos Duarte de Oliveira (orgs.), *Português na África atlântica*. São Paulo, SP: Humanitas/FAPESP.
- Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2016. “Retratos do Libolo”. In: Carlos Filipe Guimarães Figueiredo & Márcia Santos Duarte de Oliveira (orgs), *Projeto Libolo - Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários*, vol. 2. Lisboa: Chiado Ed.
- Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2010a. “Paralelismos morfossintáticos em variedades do grupo Niger-congo atlântico, crioulos atlânticos de base portuguesa e variedades africanas e brasileiras de português: transferência ou trajecto universal de aquisição?” 10ème Colloque International de l’ Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLe). Llacan, Campus CNRS de Villejuif, Paris, France. 1-3 de julho.
- Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2010b. “A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São

Tomé: desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional”, vols. 1 e 2. Dissertação de doutoramento. Macau: Universidade de Macau, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2003. O português em Angola: algumas ocorrências em contexto literário. In: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (ed.), 1as. Jornadas de Língua e Cultura Portuguesa, 18/19 Junho de 2002. 113-128. Lisboa: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães, Lurdes Teresa Lopes Jorge & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2016. Clítico argumental “lhe” no português do Libolo: estrutura formal e Caso (abstracto). In: Carlos Filipe Guimarães Figueiredo, Lurdes Teresa Lopes Jorge & Márcia Santos Duarte de Oliveira (orgs.), *Projeto Libolo – Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários*, vol. 1. Lisboa: Chiado Ed.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães, Lurdes Teresa Lopes Jorge & Márcia Santos Duarte de Oliveira. no prelo. “Representação do pronominal 2ª pessoa singular: variação no Português do Libolo”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. UNICAMP.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães, Lurdes Teresa Lopes Jorge & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2014a. “Uma análise minimalista para ‘você’”. I CIEL – Congresso Internacional de Estudos Linguísticos. Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Laboratório de Estudos Formais de Gramática. 18-21 de agosto.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães, Lurdes Teresa Lopes Jorge & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2014b. “Representação do pronominal 2ª pessoa singular: variação no Português do Libolo”. 20th Biennial Conference “The Caribbean Today: Language Awareness and Language Development” of Society for Caribbean Linguistics (SCL) in conjunction with Society for Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) and Associação de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE). Palm Beach, Oranjestad, Aruba: Holiday Inn Resort. 05-08 de agosto.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2013. “Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização”. *PAPIA*, 23 (2). 105-185.

Fiorin, José Luiz & Margarida Maria Taddoni Petter (orgs.). 2008. *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Contexto.

Fontes, Juliana Porto. 2009. “Literatura e ação política: análise de dois romances de Boaventura Cardoso”. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Galves, Charlotte. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Galves, Charlotte *et alii* (2005). The change in clitic placement from classical to modern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(1). 39-67.

Guy, Gregory Riordan & Ana Zilles. 2007. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. Parábola Editorial: São Paulo, SP.

Kato, Mary Azawa. 1999. Strong and weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS*, 11(1). 1-38.

Kristeva, Julia. 1974. *História da Linguagem*. Edições 70.

Lado, Robert. 1972 [1957]. *Introdução à linguística aplicada: linguística aplicada para professores de línguas*. Tradução e notas de Vicente Pereira de Souza, 2ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes Ltda.

Lewis, M. Paul, Gary F. Simons & Charles D. Fennig (eds.). 2016. *Ethnologue: Languages of the World*, 19 ed. Dallas, Texas: SIL International. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em 25 de Março de 2016.

Maia, Padre António da Silva. 1964. *Lições de gramática de quimbundo (Português e banto)*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões.

Marques, Irene Maria Guerra. 1985 [1983]. “Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola”. In: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ed.). *Actas do congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, 205-224. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Martinho, Fernando J. B. 1980. Prefácio. In: Boaventura Cardoso. *O fogo da fala: exercícios de estilo*, 11-21. Lisboa: Edições 70.

Miguel, Maria Helena S. 2008. “A língua portuguesa em Angola: normativismo e glotopolítica.” *LUCERE – Revista Académica da Universidade Católica de Angola*, Centro de Estudos e Investigação Científica. Nº5. Ano 4. Maio 2008. 35-48.

Miguel, Maria Helena S. 2003. *Dinâmica da pronominalização no português Luanda*. Editorial Nzila, Coleção Ensaio, Luanda.

Mingas, Amélia Arlete. 2000. *Interferência do kimbundu no português falado em Luanda*. Luanda: Ed. Chá de Caxinde.

Nunes, Raquel Santana. 1998. “A fonologia fornecendo pistas sobre a sintaxe: o caso dos objetos nulos”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 34: 169-179.

Observatório da Língua Portuguesa. 2016. “Angola: Português é falado por 71,15% de angolanos (censo de 2014)”. Acesso em 28 de Março de 2016. Disponível em: <http://observalinguaportuguesa.org/angola-portugues-e-falado-por-7115-de-angolanos/>

Oliveira, Dercir Pedro de. 1989. “O preenchimento, a suspensão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo”. In: Fernando Tarallo (org.). *Fotografias sociolinguísticas*, 51-63. Camoinas: Pontes/Ed. da Unicamp.

Oliveira, Jurema. 2011. “O fenômeno da reinvenção linguística na narrativa africana”. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v. 2. Nº 5. Maio-Agosto 2011.

Padilha, Laura Cavalcante. 2002. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afrobrasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Petter, Margarida Maria Taddoni. 2007. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. *PAPIA*, 17. 9-19.

Petter, Margarida Maria Taddoni. 2008. *Varietades lingüísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano*. Tese de livre docência. São Paulo: USP – Departamento de Linguística.

Petter, Margarida Maria Taddoni Petter. 2009. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. *PAPIA*, 19. 201-220.

Petter, Margarida Maria Taddoni. 2015. *Ampliando a investigação do continuum afro-brasileiro de português*. In: Nélia Alexandre & Márcia Santos Duarte de Oliveira (eds.), *Papers selecionados do Congresso Internacional do GELIC em Cabo Verde*.

Redinha, José. 2009. *Etnias e culturas de Angola*. Ed. fac-similada. AULP.

Santos, Eduardo Ferreira dos. 2015. “Sentenças marcadas para o foco no português do Libolo: uma proposta de análise derivacional”. Dissertação de doutoramento. Universidade de São Paulo, Brasil.

Secco, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. 2005. “A alquimia do verbo e a reinvenção do sagrado”. In: Inocência Mata, Rita Chaves, Tania Macêdo. (Org.). *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. 1ed. São Paulo; Luanda: Alameda; União dos Escritores Angolanos. 107-125.

Secco, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. 2001. “Entre mar e terra: uma polifônica viagem pelo universo “mágico-religioso” de Angola”. *Prefácio*. In: Boaventura Cardoso. *Mãe, materno mar*. Porto: Campo das Letras.

Silva, Renata Souza da. 2008. “Boaventura Cardoso, um (re)inventor de palavras e tradições”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sprouse, Rex A. 2006. “Full transfer and relexification? Second language acquisition and creole genesis.” In: Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 169-181. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Tarallo, Fernando Luiz. 1983. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania. Dissertação de doutoramento.

Terceiro Simpósio sobre Cultural Nacional. Discurso pronunciado por Sua Exa. José Eduardo dos Santos, Presidente da República. 11 de Setembro de 2006.

Wikipédia. 2015. “Boaventura Silva Cardoso”. Acesso em 3 de Fevereiro de 2016. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Boaventura_Silva_Cardoso

Zau, Domingos Gabriel Ndele. 2001. “Desvios sintáticos no português falado em Luanda”. Trabalho de licenciatura apresentado no âmbito da disciplina de Sintaxe e Semântica do Português. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras – Departamento de Língua e Cultura Portuguesa.

Zhao Yongxin. 1995. *Yuyan duibi yanjiu yu duiwai hanyu jiaoxue* (“Análise contrastiva entre línguas e ensino de chinês a estrangeiros”). Pequim: Editorial Ensino da Língua Chinesa.



Anexo 1

Dados colectados para constituição do *corpus*

- (1) PANG:
Baza, na desconfiança do outro **lhe** olhando só. (Cardoso, 1980: 51)
(PE: Vai-se embora, e o outro está a olhar **para ele** bastante desconfiado.) – OBL
tónico
- (2) PANG:
– mulheres: quem **lhes** corta a língua bisbilhoteira? (Cardoso, 1980: 51)
(PE: – mulheres: quem **lhes** corta a língua bisbilhoteira?) – OInd
- (3) PANG:
Vizinha está receosa, a outra vai **lhe** descobrir o adultério. (Cardoso, 1980: 52)
(PE: A vizinha está receosa que a outra vá descobrir o adultério **dela**.) – OBL
tónico
- (4) PANG:
Esperteza dele estava ali, ninguém **lhe** podia intrujar. (Cardoso, 1980: 55)
(PE: A esperteza dele estava ali, ninguém **o** conseguia intrujar.) – OD
- (5) PANG:
O carro ontem **lhe** vimos passar cheio, como é agora não tem cerveja?! (Cardoso, 1980: 57)
(PE: O carro, ontem vimo-**lo** a passar cheio, porque é que agora não há cerveja?!)
– OD
- (6) PANG:
Mulher grávida **lhe** pisam, [...] (Cardoso, 1980: 57)
(PE: A mulher grávida, pisam-**na**) – OD
- (7) PANG:
[...] mona do colo **lhe** arrancam dos braços, a carteira? (Cardoso, 1980: 57)
(PE: o filho de colo, arrancam-**no** dos braços da sua mãe, e a carteira?) – OD
- (8) PANG:
Até na Viana, Kalú na loja dele **lhe** conhecem. (Cardoso, 1980: 58)
(PE: Até em Viana, Kalú, a loja dele já **a** conhecem.) – OD

- (9) PANG:
Vizinhos iam **lhe** confiando algumas grades para comprar. (Cardoso, 1980: 59)
(PE: Os vizinhos iam confiando **nele** para comprar algumas grades para eles.) –
OBL tónico
- (10) PANG:
Depois eram miúdos do bairro a **lhe** ajudarem e depois lhes pagava. (Cardoso,
1980: 59)
(PE: Depois eram os miúdos do bairro a ajudarem-**no** e depois pagava-lhes.) –
OD
- (11) PANG:
Depois eram miúdos do bairro a lhe ajudarem e depois **lhes** pagava. (Cardoso,
1980: 59)
(PE: Depois eram os miúdos do bairro a ajudarem-no e depois pagava-**lhes**.) –
OInd
- (12) PANG:
Lhe empurravam, aguentava sol, fome, reumatismo, mas abandonar bicha nada.
(Cardoso, 1980: 59)
(PE: Empurravam-**no**, aguentava o sol, a fome, o reumatismo, mas não
abandonava a bicha.) – OD
- (13) PANG:
Criança tem já empapuçados vermelhos olhos. Mãe dela **lhe** chucha no direito,
lhe chucha no esquerdo, [...] (Cardoso, 1980: 60)
(PE: A criança já tem os olhos empapuçados e vermelhos. Ela mama/chucha no
peito direito **dela** [da mãe], mama no peito esquerdo dela [da mãe]) – OBL tónico
- (14) PANG:
Criança tem já empapuçados vermelhos olhos. Mãe dela lhe chucha no direito,
lhe chucha no esquerdo, [...] (Cardoso, 1980: 60)
(PE: A criança tem já os olhos empapuçados e vermelhos. Ela mama/chucha no
peito direito dela [da mãe], mama no peito esquerdo **dela** [da mãe]) – OBL tónico

- (15) PANG:
Moça, garina bonita **lhe** fala camarada vê lá então se queres gozar, [...] (Cardoso, 1980: 60)
(PE: A moça, rapariga bonita, diz-**lhe**: “Camarada, então vê lá se queres gozar”)
– OInd
- (16) PANG:
Daí há pouco toda sorriso **lhe** pergunta: mi gostas? (Cardoso, 1980: 60)
(PE: Daí a pouco, toda sorridente, pergunta-**lhe**: “Gostas de mim?”) – OInd
- (17) PANG:
Esvazia paleio todo: você és a lua que ando **lhe** perseguir na noite escura!
(Cardoso, 1980: 60)
(PE: Esvazia o paleio todo: “Você é a lua que ando a persegui-**la** na noite escura!”)
– OD
- (18) PANG:
Os dois a se olharem parados e a bicha a **lhes** passar. (Cardoso, 1980: 61)
(PE: Os dois a olharem-se parados e a bicha a passar à frente **deles**.) – OBL
tónico
- (19) PANG:
Amigos a **lhe** sugarem. (Cardoso, 1980: 61)
(PE: Os amigos a sugarem-**no**.) – OD
- (20) PANG:
Amantes muitas nunca **lhe** conseguiram prender coração. (Cardoso, 1980: 61)
(PE: As amantes são muitas, mas nunca conseguiram prender o coração **dele**.) –
OBL tónico
- (21) PANG:
Olhou na trás: ninguém a **lhe** seguir. (Cardoso, 1980: 62)
(PE: Olhou para trás: ninguém estava a segui-**lo**.) – OD
- (22) PANG:
Barona **lhe** viu mas fingiu não lhe viu. (Cardoso, 1980: 62)
(PE: A rapariga viu-**o** mas fingiu que não o tinha visto.) – OD

- (23) PANG:
Barona **lhe** viu mas fingiu não **lhe** viu. (Cardoso, 1980: 62)
(PE: A rapariga viu-o mas fingiu que não o tinha visto.) – OD
- (24) PANG:
Dama **lhe** olhou assim desprezadamente. (Cardoso, 1980: 62)
(PE: A dama olhou **para ele** com desprezo.) – OBL tónico
- (25) PANG:
Kalú aliviado **lhe** levou no salão e se preparou para começar na passada.
(Cardoso, 1980: 62)
(PE: Kalú aliviado levou-a para o salão e preparou-se para começar a dançar.) – OD
- (26) PANG:
Barona **lhe** afastou bruscamente e falou alto: [...] (Cardoso, 1980: 62)
(PE: A rapariga afastou-o bruscamente e disse alto) – OD
- (27) PANG:
Era já muitas vezes o senhor a **lhe** procurar. (Cardoso, 1980: 63)
(PE: Eram já muitas as vezes que o senhor o procurava. / Eram já muitas as vezes o senhor a procurá-lo.) – OD
- (28) PANG:
Credor desconfiado começou de entrar nos aposentos, mulher a **lhe** travar.
(Cardoso, 1980: 63)
(PE: O credor desconfiado começou a entrar nos aposentos, a mulher estava a travá-lo.) – OD
- (29) PANG:
No buraco da fechadura Kalú certifica: o meu que **lhe** comprou as pedrinhas acompanhado de duas pessoas! (Cardoso, 1980: 64)
(PE: Pelo buraco da fechadura, Kalú certifica: o gajo que **lhe** comprou as pedrinhas, acompanhado por duas pessoas!) – OInd
- (30) PANG:
Kalú, as garinas vêm **lhe** trazer comida. (Cardoso, 1980: 64)
(PE: Kalú, as raparigas vêm trazer-lhe comida.) – OInd